



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDSON DARUICH BOLLA

**BELEZA, RACISMO E EMBRANQUECIMENTO: UM OLHAR PARA A
ODONTOLOGIA**

**CAMPINAS
2016**

EDSON DARUICH BOLLA

**BELEZA, RACISMO E EMBRANQUECIMENTO: UM OLHAR PARA A
ODONTOLOGIA**

Tese de Doutorado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Faculdade de
Educação da Universidade
Estadual de Campinas para
obtenção do título de Doutor em
Educação, na área de
concentração: Psicologia
Educacional

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ângela Fátima Soligo

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELO ALUNO EDSON DARUICH BOLLA
E ORIENTADA PELA PROF.^a DR.^a
ÂNGELA FÁTIMA SOLIGO

**CAMPINAS
2016**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

B638b Bolla, Edson Daruich, 1971-
Beleza, racismo e embranquecimento : um olhar para a odontologia / Edson Daruich Bolla. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Ângela Fátima Soligo.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Racismo. 2. Beleza. 3. Odontologia. I. Soligo, Ângela Fátima, 1956-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Beauty, racism and whitening : an odontology perspective

Palavras-chave em inglês:

Racism

Beauty

Odontology

Área de concentração: Psicologia Educacional

Titulação: Doutor em Educação

Banca examinadora:

Ângela Fátima Soligo [Orientador]

Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

Sebastião Rogério Gois Moreira

Heloísa Andréia de Matos Lins

Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

Data de defesa: 16-11-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**BELEZA, RACISMO E EMBRANQUECIMENTO: UM OLHAR PARA A
ODONTOLOGIA**

Autor: EDSON DARUICH BOLLA

COMISSÃO JULGADORA:

Orientadora Prof^a Dr^a Ângela Fátima
Soligo

Prof^a Dr^a Luciane Ribeiro Dias
Gonçalves

Prof^o Dr^o Sebastião Rogério Gois
Moreira

Prof^a Dr^a Heloísa Andréia de Matos
Lins

Prof^a Dr^a Gabriela Guarnieri de
Campos Tebet

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2016

Aos meus amados pais: Anice e Oswaldo (in memorian)
Aos meus queridos filhos caninos: Bunner, Dible, Bianca, Junior, Criatura, Pica
Pau, Filomena, Urso (in memorian)

Agradecimentos:

Meus sinceros agradecimentos a todos que colaboraram, torceram, apoiaram e permitiram que esse trabalho se realizasse, em especial:

Deus

Minha irmã Katia Bolla

Claudinei Vital da Silva

Meus filhos caninos: Vitor, Ventosa, Damien, Patrick, Léo, Layka, Ayka, Nestor, Bella, Dara, Nina, Monstrina, e os então pequeninos Duque e Lolla

Minha orientadora

RESUMO

O estudo objetivou apreender as concepções de beleza facial e bucal subjacentes à formação e prática profissional de cirurgiões-dentistas recém-formados, na perspectiva do racismo. A partir da análise documental, de uma revista de grande circulação e da realização de entrevistas (semiestruturadas) com cirurgiões dentistas recém-formados (até três anos), o estudo recorreu a uma abordagem qualitativa, ancorada na análise temática. No âmbito do ensino da odontologia, o estudo evidenciou que as técnicas de embranquecimento ofertadas tratam as características do negro como uma alteração de normalidade e/ou antiestética. Todos os entrevistados foram estimulados a ofertar tais procedimentos em nome de um sorriso saudável e bonito. Diante da supervalorização da eficiência da técnica, ressalta a ausência da discussão da questão estética na perspectiva étnica. A oferta de tais técnicas se faz norteadas pelo padrão branco de beleza, evidenciando o caráter racista dos procedimentos.

Palavras-chave: Racismo, Beleza, Odontologia.

ABSTRACT

The aim of this study was to identify facial and oral cosmetic dentistry patterns subjacent to formation and professional practice of the newly graduate dental surgeons from the racism point of view. This is an investigative study with a qualitative approach based on the thematic analysis. Initially a documental analysis in an important magazine and periodontal books were carried out. Thereafter, dental surgeons were interviewed and semi-structured questions were applied. In the odontology teaching field, this study showed that the presence of racial characteristic is omitted or treated as an alteration in the normality patterns and it is considered anti-aesthetic. All the interviewers were all encouraged to offer this cosmetics dentistry procedure with the opportunity of obtaining a beautiful and healthy smile, thus assuring the belief of the Caucasian racial aesthetic superiority. The offer of gingival bleaching is oriented by the Caucasian pattern of beauty evidencing the ethnocentric character of this procedure.

Key words: Racism, Beleza, Odontology

SUMÁRIO

I – Introdução: Memorial de Formação.....	Pág 10
1 – Fundamentação teórica.....	Pág 27
1.1 – Etnocentrismo e Racismo.....	Pág 27
1.2 – Racismo no Brasil e Embranquecimento.....	Pág 36
1.3 – Estética e Embranquecimento	Pág 41
1.4 – A Formação em Odontologia no Brasil.....	Pág 49
2 - Objetivos.....	Pág 54
2.1 – Objetivo geral.....	Pág 55
2.2 – Objetivos específicos.....	Pág 55
3 – Procedimentos Metodológicos.....	Pág 56
3.1 – Delineamento do Estudo.....	Pág 57
3.2 – O sorriso referendado na imprensa escrita	Pág 58
3.3 – Concepções estéticas relativas ao embranquecimento.....	Pág 59
3.4 – Formação e embranquecimento.....	Pág 62
3.5 – Análise dos dados.....	Pág 64
3.6 – Procedimentos éticos.....	Pág 66
4 – Resultados e discussão.....	Pág 67
4.1 – Revista Metrópole de Campinas.....	Pág 68
4.2 – Análise dos documentos.....	Pág 71
4.3 – As entrevistas.....	Pág 78
5 – Considerações finais.....	Pág 106
6 – Referências bibliográficas.....	Pág 111
7 – Anexo.....	Pág 118

INTRODUÇÃO

O propósito de se iniciar a presente tese com um memorial de formação se justifica por percorrer a história pregressa do pesquisador, na qual a construção da temática apresentada vai-se consolidando ao longo da jornada percorrida e permite realizar um diálogo com a fundamentação teórica e resultados apresentados.

Esse memorial é escrito – propositalmente – utilizando um discurso informal e em 1ª pessoa, visto que se trata, para o pesquisador, de momentos de recordação e reflexão de suas próprias práticas, acadêmicas e profissionais.

“Contrariando, talvez, os discursos de muitos, sempre fui muito ligado à escola, local onde conheci grandes pessoas e grandes mestres, e , também, onde conquistei grandes amigos. Minha intenção é escrevê-lo de tal forma que, através do relato de minhas vivências e experiências escolares, eu consiga demonstrar como fui me inserindo na temática de meu doutorado: o racismo no ensino superior e na formação do odontólogo.

Minha intenção é de realizá-lo de forma linear: seguirei uma linha do tempo cronológica, objetivando demonstrar, além do “lugar” de onde falo, como a construção de minhas inquietações acerca do tema abordado foi se delineamento ao longo de minha jornada.

Por acreditar que a escola (educação formal) não está separada dos demais acontecimentos da vida, mas sim que está inserida na vida das pessoas, muitas vezes remeterei minha discussão a fatos de minha vida familiar, profissional e pessoal.

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS

Quatro anos mais novo que minha irmã, sempre fui o “aluno” das brincadeiras de escolinha dela e de sua turma: Lembro que quase todos eram os “professores”, e eu , juntamente com dois amigos da época (um garoto e uma garota), éramos os alunos....

Entravam gritando e pedindo silêncio, para três alunos que ali estavam ...

Enchiam a lousinha de coisas e gritavam para que copiássemos...

Vale a pena ressaltar, aqui, que estamos relatando fatos ocorridos no final da década de 70, época na qual os “gritos” dos professores, assim como o excesso de conteúdos eram ovacionados por muitos!

Quando demorávamos ou não queríamos colaborar com os professores – pois não era exatamente a brincadeira que escolheríamos – puxavam nossas orelhas e nos deixavam de castigo: um de cada vez no castigo, senão não haveria alunos....Nas broncas, não poupavam xingamentos, atribuindo, com naturalidade, o “macaca” à uma das colegas presentes, que é negra....

Morávamos na mesma rua, e todos – com exceção de tal garota negra – estudávamos na mesma escola: Educandário Espírito Santo (pertencente à rede privada de ensino). Perereca estudava em uma escola da prefeitura, Colégio Artur Azevedo (Engraçado como achávamos natural o fato da Perereca estudar em escola pública, talvez, por ela ser negra).

Tal escola (Educandário Espírito Santo) era – e até a conclusão da presente pesquisa, ainda é – coordenada por freiras. A disciplina era um dos itens mais importantes a ser acatado.

Impossível, aqui, não estabelecer relações entre minhas lembranças do “Espírito Santo” e o filme “Adeus, meninos”, de Louis Malle.

Com a diferença que tal filme se situa durante a 2^a Guerra Mundial, somente para meninos e os alunos eram internos, a minha vivência em tal escola ocorreu nos últimos 5 ou 6 anos da ditadura militar – quando me recordo de nós, alunos, socando as carteiras e gritando: “Figueiredo, Figueiredo, Figueiredo....” – e não éramos internos, muitas de suas tendências levam-me a associar o estilo de tal escola com a escola frequentada pelos garotos do filme.

Inicialmente, quanto à disciplina. As aulas demonstradas em tal filme, sua dinâmica, a exigência por grandes quantidades de conteúdo, as provas, o sistema avaliativo, o uniforme, as brincadeiras no recreio, as orações durante as refeições, dentre outros, assemelhavam-se muito ao que vivenciei em tal escola.

Na pré-escola utilizavam o Método preconizado por M. Montessori, no qual tínhamos nossa “sacolinha”, sentávamos em um círculo no chão e aprendíamos a ler e a escrever através dos ditados. Lembro até hoje que eram 44 ditados, pois quem não os terminasse até o final do ano, quando fosse para a primeira série deveria fazer tudo novamente. Para aqueles que conseguissem terminar, outras atividades eram desenvolvidas.

Naquela época, a 1ª A era “mais forte” que a 1ª B, que era mais forte que a C, D e etc... Apesar de ter concluído os ditados, fui matriculado na 1ª B, fato esse que levou minha mãe a tirar satisfações na escola junto à coordenação....A resposta obtida foi a de que, por haver muitos alunos já alfabetizados oriundos do pré, eles tiveram que dividi-los, sem juízo de valores, entre as turmas A e B. Verdade ou não, tal explicação deixou minha mãe (relativamente....) satisfeita.

Independente da turma, de um fato me lembro bem: em nenhuma delas havia alunos negros matriculados!

Tais fatos, a segregação das turmas por “conhecimento” e a ausência de negros vão de encontro a uma das citações de Stainback (2002), a qual afirma que

“(...) As diferenças representam grandes oportunidades de aprendizado. As diferenças oferecem um recurso grátis, abundante e renovável ... o que é mais importante nas pessoas – e nas escolas – é o que é diferente, não o que é igual”.

A escola foi algo tão marcante para mim, que consigo recordar o nome de todas as professoras pelas quais passei, e, havia algo em comum entre todas: todas brancas.

Sempre fui um dos alunos que mais se destacavam na escola: para mim, era quase que uma obrigação ser um dos melhores, garantindo assim,

um futuro promissor (já crendo, desde cedo – por influência familiar, claro – na meritocracia)!

Conclui o 1º grau, atual ensino fundamental, com méritos, sem notas baixas, e sem colegas negros na escola.

Confesso que tais fatos, até então, nunca me incomodaram. Nem o fato de ter uma amiga negra que não estudava na minha escola, nem o fato de não ter alunos negros na minha formação de ensino fundamental. Acho que eu entendia tal fato como normal.

O ENSINO MÉDIO (2º GRAU)

Meu ensino médio foi um pouco conturbado. Não por apresentar problemas com os conteúdos, mas por indisciplina, o que me custou uma transferência forçada no final do 2º ano, por ter excedido o número máximo de advertências e suspensões possíveis. Nessa época, estudava no Colégio Agostiniano Mendel (também pertencente à rede privada). A escola era dirigida por padres agostinianos e extremamente rígida quanto aos conteúdos e disciplina. Fumava no banheiro: advertência. Brigava nos corredores: suspensão! Se eu discutisse com os professores que implicavam com minhas correntes e pulseiras, assim como meu cabelo, chamavam minha mãe... Sempre acontecia alguma coisa, comigo e com o “borda de pizza”.... Quando terminei o 1º ano, o qual fui aprovado com excelentes médias, já no 3º bimestre, minha matrícula estava bloqueada, e o padre diretor da instituição solicitou a presença de meus pais na escola para uma reunião com ele, antes de efetuar a rematrícula. Em tal conversa, o padre Conde – então diretor da escola – disse aos meus pais que eu era um excelente aluno, mas que ele dispensava um excelente aluno se este fosse tão transgressor das regras estabelecidas.

O então diretor aconselhou que meus pais atentassem para minhas companhias: “olhe bem as companhias. Quem anda com as companhias erradas, faz coisa errada também...”. Meu amigo, “borda de pizza” era um garoto negro, com cabelo “afro”, o que lhe rendeu tal apelido. Minha mãe, depois, ficou penalizada com a referência “má companhia” atribuída ao meu amigo. Eu a tranquilizei na época, e disse que a referência era porque ele não obtinha boas notas! “Borda de pizza” foi reprovado e transferido no ano seguinte. Nunca mais tive contato com ele. Cheguei a procurá-lo nas redes sociais, questionei alguns dos amigos que ainda encontro, mas nada. Não me recordo onde ele morava nem tenho nenhum dado que possa facilitar tal reencontro. Pelo outro lado, também, nunca fui procurado por ele. Ou não fui procurado, ou não fui encontrado!

Já a minha amiga da infância, eu a encontro casualmente. Está casada, com filhos, tornou-se uma mulher bonita, bem sucedida. Trabalha com publicidade. Quando nos encontramos, algumas vezes nos divertimos com

lembranças de uma infância gostosa! Os afazeres diários, a distância da atual moradia, dentre outros, nos afastaram naturalmente.

Voltando ao ensino médio, o grande problema, no meu caso, foi no ano seguinte, já que meus pais assinaram um termo de compromisso afirmando estarem cientes de que, a qualquer momento eu poderia ser convidado a me retirar da escola. Tal momento chegou no final de setembro, e quase não conseguimos transferência de escola: eu poderia perder o ano!

Apesar de vários pontos que se pode discordar da filosofia de tal escola, eu sempre gostei de estudar ali, e ainda hoje, é uma das escolas que recomendo quando me questionam sobre a qualidade das escolas da região. Explico o quão rígidos são quanto à disciplina e aos conteúdos, mas afirmo se trata, na minha opinião, da melhor escola de ensino médio da região, dependendo do que se procura... Indo ao encontro da citação de Blakenship e Lilly (1981, apud Stainback, 2002), onde afirmam que “(...) praticamente em toda a história da civilização a educação tem sido para a elite e as práticas educacionais tem refletido a orientação elitista”, e o Agostiniano era uma escola de acesso para poucos e extremamente elitista.

Na verdade, um dos poucos aspectos que discordo de tal escola, além do acima citado, é que as carreiras de ciências humanas são explicitamente discriminadas e relegadas ao segundo plano.

O diretor da escola entrava nas salas de aula e afirmava que a escola era para alunos interessados em seguir carreiras nas áreas de ciências exatas e biológicas. Para aqueles que desejavam fazer um curso de humanas, ele sugeria que tal aluno transferisse de escola, uma vez que ali não encontraria aprofundamento nas disciplinas de tal área. Tanto é que, no primeiro ano, as disciplinas de história e geografia não faziam parte da grade curricular. Recordo-me bem que as disciplinas eram: matemática, português, inglês, biologia, química, física. Somente essas! Na época eu apreciava tal grade, visto que nunca fui um aluno exemplar em história e geografia.

Fundamentando minha discordância, atualmente, com tais critérios, utilizo-me de uma citação de Sacristán (2001) :

“(...) Se a educação tem a ver com a capacitação para o exercício da liberdade e da autonomia, a escola deve respeitar a singularidade individual e fomentá-la, sem discriminações para todos. A educação deve preocupar-se sem estimular diferenciações que não implicam desigualdades entre os estudantes; deve tornar compatível o currículo comum e a escola para todos com a possibilidade de adquirir identidade singulares, o que significa priorizar a liberdade dos sujeitos na aprendizagem”.

Fui transferido para o Colégio Objetivo, que aceitava todas as solicitações de matrículas mediante o pagamento das mensalidades. As provas eram infinitamente mais fáceis que no Agostiniano, comparado aos alunos ali matriculados eu era um “santo”, e fui um dos melhores alunos, visto que toda matéria que era dada, eu já tinha visto. Meu 3º colegial foi, talvez, o ano que mais sinto saudades. Cabulávamos a aula no mínimo uma vez por semana, fui da comissão de formatura, representante de classe e a diretora me adorava! Toda vez que eu era expulso da sala por algum professor, eu me dirigia à sua sala e esta ficava conversando longamente comigo, sem nunca me repreender tal qual ocorria no antigo colégio. Na realidade eu era muito imaturo, ainda que estivesse no 3º ano do ensino médio e com 17 anos. Era expulso das aulas porque cantava, ria alto, fazia micagens aos professores.

Como já tinha tido, também, todo conteúdo ministrado no 3º ano do Objetivo eu já havia visto, logo, minhas “notas” eram boas e eu não me preocupava quanto à minha promoção. Conclui o ensino médio e, no ano seguinte, iniciei o curso de Odontologia na Universidade de Mogi das Cruzes.

O VESTIBULAR

Tendo estudado em escolas nas quais sempre prezaram o conteúdo – majoritariamente os conteúdos – a época do vestibular foi bastante marcante.

Em 1988 o número de faculdades de odontologia era menor que o atual. Tive oportunidade de prestar exames em quatro ou cinco universidades, tendo sido aprovado apenas em universidades particulares.

Apesar de não ter ingressado nas estaduais, minha aprovação em particulares foi recebida com grande satisfação por familiares e amigos....

Recordo-me de um colega relatar ter ouvido os gritos de minha mãe na janela de casa, logo após eu ter-lhe comunicado, ao telefone, que havia ingressado no curso de Odontologia: “O EDSON ENTROU EM ODONTO! O EDSON ENTROU EM ODONTO”!

Fazer odontologia significava – significa? – grande status. Como o acesso era difícil, a concorrência grande e o custo mensalidade/material/instrumental alto, ser/estar na Odontologia tornava o indivíduo diferenciado....

Cortaram-me o cabelo, fizeram festa, saímos para comemorar... A crença na meritocracia fez com que as comemorações representassem a garantia de um futuro promissor.

O CURSO DE ODONTOLOGIA, MINHA FORMATURA E O INÍCIO DE MINHAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS.

Venho de uma família que atribui grande valor à certificação. Um dos meus tios, irmão de minha mãe, fez questão de custear metade de meus estudos na faculdade, visto que meu avô materno dizia que o neto/neta que fizesse algum curso para “doutor”, seria custeado por ele. Em respeito à memória de meu avô, tal tio (querido e saudoso Elias) auxiliou nas despesas até a conclusão do curso.

Ao longo do curso, questionar a prática odontológica não fazia parte de meu dia a dia, tampouco dos demais colegas de turma. Preocupávamos em aprender técnicas, em memorizar os longos textos, e, principalmente, em ser proficiente na execução dos procedimentos práticos. Qualquer discussão ou questionamento acerca da prática aprendida não permeavam nossas preocupações, na realidade. O curso de odontologia era – e ainda é – um curso tecnicista. E nós, discentes, legitimávamos tal situação, uma vez que aceitávamos tal fato como natural.

Se eu afirmasse, nesse momento, que à época eu tinha críticas quanto ao sistema de ensino seria inverídico. Até então, acreditava que o curso preenchia os requisitos necessários para a formação de um bom cirurgião dentista.

Nossas ambições, ao longo dos cinco anos, era a de termos uma sólida formação teórico-prática, garantindo-nos que os diagnósticos e a execução dos procedimentos necessários fossem precisos, acertados. Dentre nossos temores, a não habilidade em realizar tais procedimentos era um dos maiores. Diversos laços de amizade foram criados ali, muitos deles persistem até hoje.

Concluído o curso, em minha colação (para minha surpresa) vieram parentes de cidades distantes, parentes não muito próximos, e diversos conhecidos, não tão próximos de mim ou de meus familiares. Mais uma vez, me pergunto: seria o conceito da meritocracia internalizado em meus conhecidos?

Recordo-me também do baile, no qual todos os meus trinta convites foram distribuídos – por mim e por minha mãe. A felicidade de minha mãe era tanta que a festa parecia dela, e não minha.

Contrariando a expectativa de todos, decidi não atuar como autônomo, de início, pois acreditava necessitar de maior experiência. Fiquei dois anos trabalhando em clínicas, consultórios particulares de outros dentistas, até que, lentamente, fui montando meu próprio. Em 1995, um ano e meio após a formatura, fiz meu curso de especialização em Radiologia na Universidade Camilo Castelo Branco.

PARALELAMENTE, MINHAS ATIVIDADES DOCENTES NA REDE PÚBLICA ESTADUAL E NA UNICASTELO.

Sempre gostei muito do ambiente escolar. E sempre gostei também de ensinar.

Desde 1990, então no segundo ano de odontologia, ministrava aulas como professor ACT (Admitido em Caráter Temporário) na rede pública estadual.

Certamente devido á minha formação, nunca concordei com a pequena quantidade de conteúdos ministrados nas escolas estaduais nem com a pouca exigência para a promoção dos alunos. Durante os mais de dez anos que trabalhei como professor, grandes discussões ocorriam nos fatídicos conselhos de classe, oportunidades nas quais sempre encaminhei para a reprovação os alunos que não haviam atingido os objetivos – por mim estabelecidos – da disciplina. Isso me rendeu diversos recursos nos quais tinha que justificar junto à delegacia de ensino – hoje diretoria de ensino – os porquês das retenções. Prevenido, sempre guardei as avaliações dos alunos – devidamente assinadas por eles, assim como os “Diários de classe” sempre impecáveis, de modo que poucas foram as vezes que um recurso foi vencido....

Dentro da minha concepção de Educação, até então, eu realizava (ou procurava realizar) trabalhos semelhantes aos de meus professores do ensino fundamental e médio. Seguia à risca as recomendações da delegacia de ensino quanto aos instrumentos de avaliação de modo que, quando um aluno não atingia a média mínima necessária para a promoção, acreditava ser justa e correta sua reprovação.

O CURSO DE PEDAGOGIA E O INTERESSE PELO ESTUDO DO ETNOCENTRISMO E RACISMO

Em 1997, após ter concluído meu curso de especialização, decidi cursar Pedagogia em uma instituição privada de ensino. Fiz um ano de curso e tranquei a matrícula.

Continuei com minhas atividades do consultório, lecionando no Estado e na Unicastelo.

Em 1999 fiquei instigado a retornar ao curso de Pedagogia, entretanto, não mais na mesma instituição, devido à baixa qualidade do curso. Consultei os então atuais guias do estudante com o fito de identificar os melhores cursos. O curso da UNICAMP era, de acordo com tais guias, o “melhor” do Brasil, seguido pelos cursos da PUC-SP e USP. Decidi que retornaria à Pedagogia se fosse aprovado no vestibular da UNICAMP. Em 2000 me matriculei no referido curso.

Dentro da UNICAMP mudei muitas de minhas concepções e, também, comecei a perceber que várias questões pertinentes à escola não faziam parte de meu “dia a dia” escolar. Discussões acerca de diferentes culturas, racismo, resgate de identidade, por exemplo, eu nunca tinha tido oportunidade de participar. E foi impossível, em cada uma dessas discussões, não estabelecer relações com os chamados de “macaca” à minha amiga de infância, a ausência de negros ao longo de toda minha trajetória no ensino fundamental, à crítica ao “Borda de Pizza”.

Ao mesmo tempo em que fui compreendendo cada uma das situações até então tidas como normais, me angustiava por não ter feito nada à época. Como eles se sentiam sendo chamados de macacos, borda de pizza, negrinha, preta, péssima companhia? Eram crianças. Conviveram com isso, assim como várias crianças e adolescentes negros conviveram e convivem.

“As novas discussões e formulações sobre as identidades da mestiçagem pode ser utilizadas de forma produtiva e regressiva. Quando elas se transformam em um significado apenas para uma busca da origem pura, mítica, elas podem levar a movimentos separatistas de exclusão baseados em uma forma essencialista de política conhecida como ‘política de identidade’. No entanto, quando elas conseguem tratar de novas formas de identidade e comunidade baseadas na luta pela justiça social e igualdade na diferença, elas podem ser instrutivas e politicamente progressivas, sendo que exemplos podem ser encontrados em grupos como o Grupo Cultural Afro Reggae, no Rio de Janeiro, e o Grupo Cultural Olodum, em Salvador, na Bahia, ou em alguns dos quilombos e escolas de samba” (da Cunha, 1998).

Comecei a perceber a necessidade de se estender tais discussões. Era (e ainda é) necessário explicitar a existência deste racismo que muitos insistem em afirmar não existir. A via acadêmica foi, então, minha opção para continuar a discutir tal temática a qual considero de extrema relevância.

A CONSOLIDAÇÃO DE MEU INTERESSE PELA TEMÁTICA: MEU MESTRADO EM CIÊNCIAS

Conclui o curso de pedagogia em 2004 e já tinha um projeto de pesquisa a ser trabalhado no mestrado. Ingressei no mestrado da Escola Paulista de Medicina, no grupo de “Ensino em Ciências da Saúde” (CEDESS).

Desenvolvi meu tema, “Etnocentrismo no ensino da Odontologia” dentro de uma faculdade de medicina. Muitas vezes, em seminários de pesquisa, em apresentações de artigos e afins, percebia olhares de reprovação ou de espanto de alguns dos médicos presentes. O importante é que discuti, ainda que não aprofundando a temática do racismo, dentro da Unifesp – Escola Paulista de Medicina, assuntos até então jamais tratados ali dentro, como o etnocentrismo e a estética da população negra.

Já mais maduro em relação à temática do racismo, fui capaz de “garantir meu espaço” ali dentro, e acredito que minha participação nas discussões acima citadas tenha sido de grande valia para todos os que ali estavam. No mínimo, foram introduzidos à reflexão de um assunto que, para eles, até então, poderia ser encarado como “normal”, assim como o foi para mim, durante muito tempo.

O DOUTORADO EM EDUCAÇÃO, O TRABALHO COMO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA PREFEITURA DE SÃO PAULO E O ATUAL CARGO NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO.

Em 2008 ingressei no Doutorado em Educação, na Unicamp, no grupo DIS – diferenças e intersubjetividades em educação. A temática apresentada a ser trabalhada foi o racismo no ensino da odontologia estética.

O contato com os demais alunos do programa de pós-graduação em Educação foi extremamente relevante para meu contínuo crescimento e amadurecimento em relação ao meu tema.

Nos grupos de pesquisa, apresentávamos nossos projetos e podíamos contar com o olhar de cada um dos participantes, incluindo os professores do grupo. As discussões que realizávamos permitiram que minhas inquietações fossem tomando forma mais definida.

Concomitante ao meu ingresso no doutorado em Educação fui chamado pela prefeitura de São Paulo para assumir o cargo de coordenador pedagógico, em decorrência de aprovação em concurso público realizado.

Fui realizando meu doutorado e meu trabalho como coordenador, agora, já com uma postura definida em relação à temática do racismo, o que me permitiu mediar inúmeras situações conflituosas dentro da escola que trabalhava acerca de atitudes racistas que ali presenciei: entre alunos, entre pais, entre professores e alunos, professores e funcionários da escola, alunos e funcionários da escola, e entre professores.... Estou certo de que minha passagem pela referida escola evidenciou práticas racistas e preconceituosas. Projetos sobre racismo e estudos da cultura negra (extraclases) foram por mim implementados.

Na metade de 2012 fui, então, convocado pela Assembleia Legislativa de São Paulo para assumir o cargo de Analista legislativo, em decorrência de aprovação em concurso público realizado em 2010.

Desta vez, a opção pela exoneração do cargo de coordenador pedagógico para assumir o cargo de Analista Legislativo se deu por questões financeiras e possibilidades de acesso na carreira.

Hoje trabalho há quatro anos na assembleia, no cargo de Analista Legislativo. Estou lotado na creche da mesma, e até o presente momento, sou o diretor da mesma. O trabalho com as crianças pequenas acerca da igualdade entre as etnias já foi iniciado com a implantação da “Semana da Consciência Negra”, no mês de novembro.

A aceitação dos pequenos, da equipe e dos pais/responsáveis frente à discussão da temática vem sendo gratificante!”

Edson Daruich Bolla

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 – Etnocentrismo e Racismo

O etnocentrismo implica na centralidade dos próprios valores e da própria cultura ou etnia, entendida esta como sendo uma comunidade¹ humana definida por afinidades linguísticas e culturais e semelhanças genéticas. Tal tendência, por vezes, é a lente que nos impede de olhar o “outro” na sua dignidade e positividade. O uso do conceito de etnocentrismo considera o reforço do “eu” como identidade cultural que, para a sua manutenção, toma para si todas as características positivas e moralmente corretas no que se refere a sua civilização. Segundo Thomaz,

O etnocentrismo consiste em julgar como certo ou errado, feio ou bonito, normal ou anormal os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos a partir dos próprios padrões culturais (...) o etnocentrismo se aproxima, portanto, do preconceito: na nossa sociedade existem práticas que sofrem um profundo preconceito (...) .(grifo nosso)

Desse modo, a colocação central sobre o etnocentrismo pode ser expressa como

(...) a procura de sabermos os mecanismos, as formas, os caminhos e razões, enfim; pelos quais tantas e tão profundas distorções se perpetuam nas emoções, pensamentos, imagens e representações que fazemos da vida daqueles que são diferentes de nós. Este problema não é exclusivo de uma determinada época nem de uma única sociedade. Talvez o etnocentrismo seja, dentre os fatos humanos, um daqueles de mais unanimidade. (Rocha, 1999)

¹ Estas comunidades reivindicam para si uma estrutura social, política e um território.

O choque cultural é uma espécie de pano de fundo da questão etnocêntrica. Por um lado, conhecemos um grupo do “eu”, o “nosso” grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. Quando nos deparamos com um “outro”, o grupo do “diferente” que, às vezes, nem sequer faz coisas como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis.

A diferença é ameaçadora porque fere nossa própria identidade cultural. O monólogo etnocêntrico pode, segundo Rocha

(...) seguir um caminho lógico mais ou menos assim: Como aquele mundo de doidos pode funcionar? Espanto! Como é que eles fazem? Curiosidade perplexa? Eles só podem estar errados ou tudo o que eu sei está errado! Dúvida ameaçadora?! Não, a vida deles não presta, é selvagem, bárbara, primitiva! Decisão hostil!

O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, feio, anormal ou ininteligível.

Nossas próprias atitudes frente a outros grupos sociais com os quais convivemos nas grandes cidades são, muitas vezes, repletas de atitudes etnocêntricas. Rotulamos e aplicamos estereótipos através dos quais nos guiamos para o confronto cotidiano com a diferença. As ideias etnocêntricas que temos sobre as “mulheres”, os “negros”, os “empregados”, os “paraíbas de obra”, os “colunáveis”, os “doidões”, os “surfistas”, as “dondocas”, os “velhos”, os “caretas”, os “vagabundos”, os *gays* e todos os demais “outros” com os quais temos familiaridade, são uma espécie de “conhecimento”, um

“saber” baseado em formulações ideológicas, que no fundo transforma a diferença pura e simples num juízo de valor perigosamente etnocêntrico.

Como afirma Gusmão (1997), entretanto,

Avaliar a questão das diferenças (...) não é uma tarefa simples. (...) No tempo presente, com tantas mudanças numa sociedade que se globaliza, estas questões não só não se encontram resolvidas, como renascem com intensidade perante os contextos em transformação.

Segundo Carneiro (2005):

Durante cinco séculos consecutivos, negros, mulatos, indígenas, judeus e ciganos, uns mais, outros menos, foram discriminados pelo homem branco cristão. Foram, em momentos distintos e sob diferentes justificativas, tratados como seres inferiores, em função de sua cultura, raça ou condição social.

Nessa mesma linha de colocação, Santos (2005) denuncia:

Pretinhos, baianinhos, paraibinhas, índios, caboclos, jovens judeus, moças japonesas estão, nesse exato momento, sofrendo alguma espécie de maltrato pelo simples fato de não pertencerem à maioria branca; e há, neste exato momento, em qualquer delegacia de bairro um pau-de-arara (...) à espera de uma criatura humilde que caia na suspeita da polícia.

Tais citações nos remetem a Gusmão (1997) quando ela afirma que o etnocentrismo, “(...) resultando do encontro entre a civilização ocidental e outros povos, implicou em violência, distorções sobre esses povos e suas culturas”.

Existe um preconceito velado em nossa sociedade, no qual dificilmente encontramos nas falas dos indivíduos a sua explicitação. Tal pensamento está nas formas de agir, nas opiniões e opções que os sujeitos fazem julgando os negros – como inferiores – pela cor de sua pele e não pela sua capacidade, índole e caráter. Tal julgamento leva ao racismo, cujas bases teóricas – no século XIX – foram compostas pelo Arianismo, Darwinismo Social, Evolucionismo Social e Eugenia (Carneiro, 2005).

Para a autora, o Arianismo é a doutrina que justifica a desigualdade entre os homens e adverte contra o cruzamento das raças. Segundo Arthur de Gobineau (2005) – (que foi o mais importante teórico do arianismo – a raça semita é fisicamente, moralmente e culturalmente inferior à ariana (que é o europeu puro). Tal teórico afirma que semitas pertencem a uma população híbrida, branca, mas abastardada por uma mistura com os negros. As idéias de Gobineau foram retomadas por Houston Chamberlain (apud Carneiro, 2005), que foi um dos maiores teóricos do pensamento racista do século XX.

O Darwinismo Social é a teoria da evolução social baseada na analogia com as ciências biológicas, substituindo os organismos vivos pelos grupos sociais em conflito. Os teóricos do Darwinismo social inspiraram-se em Charles Darwin e em sua obra “A origem das espécies”, de 1859, em que defende a tese da evolução das espécies biológicas com base na sobrevivência dos mais capazes. Tais pensadores adaptaram e distorceram as idéias de Darwin, visto que alguns consideravam a seleção social como um processo negativo, no qual os tipos inferiores seriam favorecidos e acabariam colaborando para uma progressiva degeneração física, mental e moral da humanidade, destinada, por isso, ao desaparecimento (Carneiro, 2005).

Já o Evolucionismo Social afirmava a existência de uma espécie humana única, que se desenvolve em ritmos desiguais e com diferentes formas de organização (estágios de civilização), variando das mais simples às mais complexas. O ponto máximo do progresso humano teria sido atingido pela cultura ocidental. As demais culturas seriam menos evoluídas, primitivas.

Entre os principais estudiosos dessa corrente destacou-se o inglês Herbert Spencer (apud Carneiro, 2005) – que foi o responsável pela forma mais radical do evolucionismo sociológico, introduzindo a expressão “*sobrevivência do mais apto*” e popularizou o termo “*evolução*” – e Lewis Henry Morgan (apud Carneiro, 2005) – o qual distingue três estágios de evolução da humanidade: selvageria, barbárie e civilização.

Por fim, a Eugenia² é um conceito fundamentado nas ideias de Francis Galton que acreditava na necessidade de o Estado formular um plano com o objetivo de selecionar jovens aptos a procriarem os sujeitos mais capazes. Propunha a escolha do bom nascimento, defendendo a esterilização de doentes, criminosos, judeus e ciganos. A Eugenia incentivou experiências desse tipo no terceiro Reich.

Para se compreender o conceito de racismo, se faz necessário, primeiramente, entender o que se denomina(va) por “raça”.

De acordo com Munanga (2003), no século XVIII a cor da pele foi considerada como um critério fundamental para a classificação dos indivíduos. A espécie humana ficou dividida em três grupos que resistem até hoje na terminologia científica e no senso comum: “raça” branca, “raça” negra e “raça” amarela. Sendo a cor da pele definida – apenas – pela concentração de melanina, é justamente o degrau dessa concentração que define a cor da pele, dos olhos e do cabelo.

Como o autor afirma:

A chamada raça branca tem menos concentração de melanina, o que define a sua cor branca, cabelos e olhos mais claros que a negra que concentra mais melanina e por isso tem pele, cabelos e olhos mais escuros e a amarela numa posição intermediária que define a sua cor de pele que por aproximação é dita amarela. Ora, a cor da pele resultante do grau de concentração de melanina, substância que possuímos todos, é um critério relativamente superficial. Apenas menos de 1% dos genes que consistem o patrimônio genético de um indivíduo são aplicados na transmissão da cor da pele, dos olhos e cabelos.

² A palavra deriva do grego *eu* (bom) e *gênesis* (geração).

Ainda segundo o autor, no século XIX – a fim de aperfeiçoar a classificação – foi acrescido ao critério da cor algumas outras características morfológicas tais como: forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o ângulo facial e etc.

Já no século XX, fundamentados pelos progressos da genética humana, descobriu-se que havia no sangue critérios químicos mais determinantes para consagrar definitivamente a divisão da humanidade:

*Grupos de sangue, certas doenças hereditárias e outros fatores na hemoglobina eram encontrados com maior frequência e incidência em algumas raças do que em outras, podendo configurar o que os próprios geneticistas chamaram de marcadores genéticos. O cruzamento de todos os critérios possíveis deu origem a dezenas de raças, sub-raças e sub-sub-raças. As pesquisas comparativas levaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais distantes que os pertencentes a raças diferentes; um marcador genético característico de uma raça pode, embora com menos incidência ser encontrado em outra raça. (...) Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (...), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito, aliás, cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, **as raças não existem**. (grifo nosso). (Munanga, 2003).*

Como afirma Gould (1991)

O preconceito racial pode ser tão antigo quanto o registro da história humana, mas a sua justificação biológica³ impôs o fardo adicional da inferioridade intrínseca aos grupos menos favorecidos e descartou a sua possibilidade de se redimir através da conversão ou da assimilação. O argumento científico foi uma arma de ataque de primeira linha por mais de um século.

³ Segundo Gould (1991), as justificativas que apresentavam para estabelecer hierarquias entre os grupos sociais de acordo com seus valores inatos variaram ao longo da história do ocidente. Platão apoiou-se na dialética; a igreja no dogma, e, nos dois últimos séculos, nas afirmativas científicas, que foi denominada de *determinismo biológico*. O determinismo biológico afirmava que as diferenças sociais e econômicas que existem entre os seres humanos derivavam de distinções herdadas e inatas, e, sendo assim, a sociedade era um reflexo fiel da biologia. Um dos principais aspectos do determinismo biológico era a tese de que o valor dos indivíduos e dos grupos sociais poderia ser determinado através da medida da inteligência como quantidade isolada. Tal tese se apoiava em dados provenientes de duas fontes principais: a craniometria (início do século XIX) e alguns tipos de testes psicológicos. Tais argumentos fracassaram porque os caracteres que invocavam para estabelecer diferenças entre grupos eram, em geral, produtos da evolução cultural.

Se os naturalistas dos séculos XVIII e XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em relação às características físicas, certamente não teriam causado nenhum problema para a humanidade. Entretanto, eles hierarquizaram os indivíduos, estabelecendo uma escala de valores entre eles, erigindo uma relação intrínseca entre o fator biológico – cor da pele e traços morfológicos – e as características psicológicas, morais, culturais e etc. Dessa forma, decretaram que os indivíduos da população branca eram coletivamente superiores aos das populações negra e amarela em função de suas características físicas – a cor clara da pele, a forma do crânio, dos lábios, nariz e etc, pois acreditavam tais características os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, e, conseqüentemente, mais aptos a dominar os demais, especialmente o negro, mais escuro de todos, logo, considerado o mais estúpido, mais emocional, menos honesto, menos inteligente e, portanto, mais sujeito à escravidão e dominação (Munanga, 2003).

Concluindo tal questão, tal autor afirma que o conceito de “raça” que usamos hoje é um conceito carregado de ideologia, pois este esconde a relação de poder e dominação.

Concordando com Munanga de que “raças” não existem, optamos, nesse trabalho, em não adotar tal terminologia, salvo nos casos de transcrição de citações e/ou depoimentos.

E o que é, então, o que denominamos de racismo? Segundo Munanga (2003),

O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural

É importante ressaltar, aqui, que “o racismo pode atingir diferentes graus de intensidade: vai de um simples pensamento até os casos mais extremos, de agressão física, por exemplo” (Carneiro, 2005)

Para Guimarães (1998),

Chama-se, ainda de racismo o sistema de desigualdades de oportunidades, inscritas na estrutura de uma sociedade, que podem ser verificadas (...) estatisticamente através da estrutura de desigualdades raciais, seja na educação, na saúde pública, no emprego, na renda, na moradia, etc.

E, de acordo com Soligo (2001) é:

(...) a existência de um complexo sistema de crenças e valores que apregoam a inferioridade intrínseca do segmento racial negro, inferioridade esta que legitima a hierarquização dos indivíduos pela cor e etnia, bem como as práticas discriminatórias dela decorrentes.

Apesar de caminharem juntos, etnocentrismo e racismo não são sinônimos. F. Machado (2000) afirma que devemos nos perguntar se

(...) é ainda de racismo que se trata quando os membros de uma população majoritária se referem mais positivamente à sua cultura do que à de determinada minoria, quando não chegam sequer a qualificar negativamente essa minoria, limitando-se a considerar os seus próprios traços culturais preferíveis face aos dela. A ser assim, deixaria de haver qualquer diferença entre racismo e etnocentrismo.

Para o autor, a fusão dos dois conceitos está longe de ser consensual.

Claude Lévi-Strauss (apud Machado, 2000) se opõe a essa possibilidade (fusão dos dois conceitos), afirmando que não se pode confundir o racismo,

(...) doutrina falsa que pretende ver nas características intelectuais e morais atribuídas a um conjunto de indivíduos () o efeito necessário de um património genético comum", com a atitude de indivíduos ou grupos cuja fidelidade a certos valores os torna parcial ou totalmente insensíveis a outros valores". Essa "incomunicabilidade relativa não autoriza naturalmente a opressão ou destruição dos valores que se rejeita e dos seus representantes, mas, mantida nesses limites, nada tem de revoltante.

Pina Cabral (apud Machado, 2000), quando confrontado com o mesmo problema, afirma que as características fenotípicas representam apenas um entre vários fatores de classificação, então, seria preferível adotar, em vez de racismo, expressões mais abrangentes tais como o etnocentrismo. Para ele o conceito de racismo põe uma ênfase excessiva na diferenciação fenotípica como princípio classificatório dominante.

Gusmão (2005), tratando do assunto, afirma que Pina Cabral se pergunta onde começa o racismo e acaba o etnocentrismo. Para tal autor, as formas de discriminação e preconceito baseadas na cor da pele se parecem hoje com o que se chamou de racismo cultural,

(...) em que se faz a defesa pela positividade de valores identitários próprios, sem que se exprima abertamente desprezo ou ódio pelo outro. Tratar-se-ia assim de racismo aversivo ou de preconceito sutil, em que os fatores de classificação misturam diferenças de cultura, de classe socioeconômica, de características fenotípicas, de grupo de status, de nível educacional, de identidade nacional, de religião e outros, mais do que de "raça", tal como se tratou tradicionalmente. Segundo Pina Cabral, etnocentrismo, discriminação e preconceito étnico seriam, assim, expressões mais abrangentes.(Gusmão, 2005).

1.2 – Racismo no Brasil e Embranquecimento

Hasenbalg (1979) aponta que “ser negro no Brasil de hoje” significa ocupar os estratos mais baixos da hierarquia social, o que representa possuir níveis inferiores de instrução, ocupação e renda, consequências do racismo.

Vivemos, no entanto, em um país que ninguém assume ser racista. Em 1988, no centenário da Abolição, uma pesquisa realizada apontou que 97% dos brasileiros afirmavam não ter preconceito. Os mesmos entrevistados (98%), entretanto, afirmaram que conheciam pessoas e situações que revelavam a discriminação racial no país (Haag, 2007).

A metamorfose do escravo em trabalhador livre é um fenômeno que se realiza no nível das relações de produção e no âmbito do sistema cultural. Entretanto, o novo estado do negro não é um produto imediato, direto, linear das transformações da infraestrutura; ele se realiza pouco a pouco. A persistência de elementos do sistema cultural elaborado em séculos de regime escravocrata é um fenômeno que penetra a sociedade do século XX, determinando alguns componentes essenciais das condições da vida do negro (Ianni, 1972).

Segundo Ianni,

A questão racial parece um desafio do presente, mas tem sido permanente. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificadas, mas persistente.

O autor chama a atenção para o fato de que há uma ideologia racial que segrega e estigmatiza o negro no Brasil. Tal ideologia é recorrente e reiterada em diferentes fórmulas e verbalizações, desenvolvendo a metamorfose da marca em estigma.

Tal ideologia é transmitida de gerações a gerações, através dos meios de comunicação, da indústria cultural, sistemas de ensino, instituições religiosas e partidos políticos. As relações sociais estão enraizadas na vida social de indivíduos, grupos e classes sociais.

Branqueamento

No período pós-abolicionista – expressando uma modalidade de racismo à brasileira, segundo Domingues (2002) – o branqueamento, como produto de uma mestiçagem progressiva, era apresentado como um processo irreversível no país. Pelas estimativas mais "confiáveis", o tempo necessário para a extinção do negro em terra brasileira oscilava entre 50 a 200 anos.

Segundo Rassi (2007),

Após a Abolição, as antigas hierarquias sentiram-se ameaçadas - o negro era maioria numérica, embora minoria social - e o racismo se impôs com mais força. A elite brasileira vivia, também, na época, um grave conflito ideológico, que era a conciliação da realidade racial do País com as doutrinas racistas (a pretensa superioridade racial branca) importadas da Europa. A solução encontrada foi a teoria do embranquecimento, que visava o desaparecimento gradativo do negro, por meio da miscigenação, e a importação de imigrantes europeus, que favorecessem o processo de eugenia: tornarmos loiros e de olhos azuis. A ideologia do embranquecimento representou a passagem do racismo de dominação ao racismo de exclusão e é desse racismo de exclusão que procedem as fontes do racismo atual, embora suas premissas sejam cientificamente irrelevantes, como, por exemplo, nas expressões "raça negra", "raça branca". Inexistem raças branca, negra ou amarela. Existe a raça humana.

Bernardino (2002) afirma que ao lado do mito da democracia racial, arquitetou-se no Brasil o ideal do branqueamento como uma política nacional de promoção da imigração europeia que visava suprir a escassez de mão-de-obra resultante da Abolição e modernizar o país através da atração de mão-de-obra europeia.

Segundo Soligo (2001), o embranquecimento

(...) fragmenta a identidade negra na medida em que se opera uma dicotomia entre assumir a própria identidade e valores (negros) e ver-se distanciado do modelo ideal, ou buscar o modelo ideal à custa da dissolução da identidade.

É na busca da aproximação do modelo ideal – branco – que o negro dissimula suas características e nega sua condição de negro, tentando se assemelhar cada vez mais ao homem branco, tanto no que tange a aparência, como no que tange à conduta social. Outra forma de buscar o embranquecimento é o casamento ou relações afetivas com pessoas brancas.

Segundo Hasenbalg (1979), o ideal do embranquecimento criou raízes profundas na sociedade brasileira, levando o próprio negro a sua autonegação. O autor afirma que a hierarquização das pessoas em termos de sua proximidade a uma aparência branca ajudou a fazer com que indivíduos de pigmentação escura desprezassem a sua origem africana, cedendo assim a forte pressão do branqueamento, levando-os a fazer o melhor possível para parecerem mais brancos. Tais tentativas da população negra de se aproximar tanto quanto possível do extremo branco, levou a uma fragmentação das identidades raciais.

Ainda que não seja o foco da presente pesquisa – uma vez que realizaremos a discussão de nossa temática na perspectiva das estratégias de aproximação ao padrão branco – acreditamos ser relevante apresentar o conceito de “branquitude”. Podemos entender a branquitude da seguinte

forma: a branquitude refere-se à identidade racial branca, a branquitude se constrói. É um neologismo empregado em contraposição a negritude. Tal conceito começou a ser construído durante a expansão colonial europeia, a partir dos séculos XVI e XVII, mas principalmente no século XIX, para justificar ideologicamente a dominação, pelos europeus, das populações ancestrais da América, da África, da Ásia e da Oceania. Nesse processo, a identidade “branca”, definida pela cor da pele e outros traços fenotípicos, foi estabelecida como norma e padrão humano, sendo os outros grupos apresentados como marginais, desviantes ou inferiores. A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Frankenberg define a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo. (Silva, 2011).

Branqueamento estético

Para Domingues (2002), a ideologia do branqueamento se expressava totalmente no terreno estético. O modelo branco de beleza, considerado padrão, pautava o comportamento e a atitude de muitos negros assimilados. O "branqueamento estético" atingia a principal marca definidora de hierarquização das pessoas no Brasil: a cor da pele. Segundo o autor, no pós-abolição, alguns produtos da indústria cosmética prometiam a proeza de transformar negro em branco mediante a despigmentação, ou seja, através do "clareamento" da pele.

Nesta mesma linha de consideração, Carneiro (2005) diz que,

Uma das opções encontradas pelos negros para ascender na escala social e melhorar sua condição de vida foi o branqueamento. Ao miscigenar-se com o branco, conseguiu clarear a pele; ao alisar os cabelos, aproximou-se do ideal de beleza branca (...) Por trás dessas atitudes identificamos uma única razão: a tentativa de o negro ser tratado como ser humano, com dignidade. (...) alguns optam pelo branqueamento, procurando aproximar-se do padrão de beleza aceito pelo homem branco (...).

Nesse âmbito se inscrevem as técnicas odontológicas de embranquecimento a serem discutidas/analizadas neste trabalho, sob a ótica do racismo.

1.3 – Estética e Embranquecimento: Modificando características faciais da população negra

Não é novidade afirmar que existem diversas técnicas desenvolvidas no que tange ao embranquecimento da população negra. E tal oferta data de tempos remoto, como demonstra Domingues (2002), que discute o que denomina de “branqueamento estético” no Brasil. Para ele, a ideologia do branqueamento se expressava no terreno estético. O modelo branco de beleza, considerado padrão, pautava o comportamento e a atitude de muitos negros assimilados.

Em seu artigo, o autor traz alguns anúncios e depoimentos que mostravam o desejo do negro de eliminar seus traços negróides, a fim de se aproximar, no plano das aparências, ao branco (nariz afilado, cabelos lisos, lábios finos, cútis clara). Um exemplo do "branqueamento estético" foram as consecutivas inserções publicitárias nos jornais, tanto da "imprensa negra" quanto da "imprensa branca".

Voltado para atender às vontades dos consumidores negros, o enfoque era sempre o mesmo:

Uma invenção maravilhosa! ‘O cabelisador’. Alisa o cabelo o mais crespo sem dor. Uma causa que até agora parecia impossível e que constituía o sonho dourado de milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutável. Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo, por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso? (...) Quem não prefere ter uma cabelleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos curtos e crespos? Qual a pessoa que não quer ser elegante e moderna? Pois o nosso "Cabelisador" alisa o cabelo o mais crespo sem dôr. (O Clarim D'Alvorada, São Paulo, 9/6/1929:1)".

Segundo o autor, o alisamento significaria a felicidade do negro, a realização de seu sonho mais profundo; seria a porta de entrada ao mundo *moderno* de pessoas *elegantes*.

O "branqueamento estético" não se restringia apenas ao alisamento dos cabelos; ele atingia a principal marca definidora de hierarquização das pessoas no Brasil: a cor da pele. Alguns produtos prometiam a proeza de transformar negro em branco mediante a despigmentação, ou seja, através do "clareamento" da pele.

Segundo esses anúncios, para ser bela era necessário clarear a pele. E o uso do creme proporcionaria a "transparência" e o rejuvenescimento. A ideologia do "branqueamento estético" foi um fetiche muito eficaz na alienação do negro. Oficializou a brancura como padrão de beleza. Representou um entrave para a formação positiva da autoestima do negro, pois este passou a alimentar certo autodesprezo. Ora, na ausência de modelos positivos em que pudesse se espelhar, o negro recusava sua própria natureza, desembocando, muitas vezes, em crise de identidade étnica, descaracterizando-se, na busca pela supressão dos traços característicos da população negra.

1.3.1. – Na Medicina: A cirurgia de correção do Nariz Negroíde

Não é o intuito da presente pesquisa enunciar todas as técnicas existentes de embranquecimento, tampouco descrever minuciosamente a execução das mesmas. A título de exemplificação, discutiremos, brevemente, algumas dessas ofertas.

Dentre as práticas de embranquecimento ensinadas/executadas pelos profissionais da medicina, discute-se a cirurgia de correção do nariz negroíde.

Muitas técnicas terapêuticas vêm sendo desenvolvidas pela medicina estética com o intuito de corrigir algumas “imperfeições” faciais ou de tornar mais agradáveis alguns traços faciais, na busca incessante pela beleza.

A insatisfação com o rosto faz com que as cirurgias na face sejam feitas com tanta frequência que perdem, em números, apenas para lipoaspiração e redução ou aumento das mamas. Dentre essas cirurgias faciais, destacamos a cirurgia de correção do nariz negroíde. O nariz pode ser dividido para exame em duas partes: externa e interna ou anatômica. A parte externa do nariz por refletir o resultado final de uma rinoplastia é o componente mais estudado (2002).

O tratamento das características do nariz negroíde, além do seu componente **puramente estético**, é uma das operações de modificação de caracteres “raciais” mais comuns. O nariz negroíde (nome científico utilizado quando se trata de características da raça negra), exibe asas alargadas, ponta bulbosa (batatuda) e pouco projetada, pele espessa e dorso baixo. Os princípios que regem a rinoplastia de nariz negroíde são a redução das narinas, o estreitamento da base nasal e o aumento do perfil (segundo CASTILHO, HOCHMAN & FERREIRA, 2002).

A maior parte da literatura em rinoplastia aborda operações estéticas em indivíduos caucasóides, e nas duas últimas décadas a rinoplastia tornou-se uma das operações estéticas mais frequentes em pessoas da população negra (CASTILHO, HOCHMAN & FERREIRA, 2002).



Figura 9. Nariz negroide. Vista preoperatoria.

Figura 9ª. Vista posoperatoria.

Fonte: MediSur v.8 n.1 Cienfuegos ene.-feb. 2010

1.3.2 – Na Odontologia

Mandarino (2012) distingue os termos estética e cosmética. Segundo ele, *“Estética é a ciência de copiar ou harmonizar o trabalho com a natureza. É a apreciação da beleza”*. E a cosmética

são todos os artifícios pelos quais o cirurgião dentista pode lançar mão para se obter um melhor resultado estético, não ficando restrito apenas na restauração da forma e função dos elementos dentais, mas também na capacidade de (...) realçar as características estéticas positivas do mesmo.

Ainda segundo o autor, a estética *“não é absoluta, é pessoal e subjetiva, variando com a época e a região em que as pessoas vivem”*. Para ele os padrões estéticos da sociedade atual exigem um sorriso bonito e harmonioso, incentivando a procura de tratamento odontológico para correções de imperfeições dentárias. Certos princípios vêm esclarecer a exigência de um sorriso com proporções equilibradas. Nossos olhos são atraídos para a parte mais dominante, brilhante ou que apresenta movimentos. Em relação à face são os olhos e a boca as regiões atrativas aos olhos do observador. O sorriso contém o contraste dos dentes brilhantes com os lábios vermelhos, além de apresentar movimento durante a fala e expressões.

Clareamento gengival

Dentre as práticas de embranquecimento legitimadas pela odontologia, discutiremos, brevemente, o clareamento gengival.

O clareamento gengival objetiva remoção da pigmentação racial (pigmentação melânica, pigmentação fisiológica ou melanose racial). Pigmentação racial, pigmentação melânica ou melanose racial são denominações de manchas de coloração escura localizada em área da mucosa bucal de indivíduos da raça negra. Apesar de serem extremamente comuns, alguns indivíduos não as apresentam. A maior prevalência da pigmentação melânica é em áreas de gengiva inserida, seguida da mucosa jugal, palato e língua.

Em um site especializado na área de diagnóstico bucal, encontra-se um artigo com o título: “Desvios de **normalidade** da cavidade bucal” (grifo nosso) de Silva & Cerri (2013). Os autores apresentam a melanose racial como um DESVIO DE NORMALIDADE. De acordo com os autores de tal artigo, *“pigmentação racial, pigmentação melânica ou melanose racial são denominações de manchas de coloração escura localizada em área da mucosa bucal de indivíduos da raça negra”*. O “normal”, segundo o artigo, é a gengiva com coloração rósea, livre de pigmentos, presente na população branca.

A naturalidade com que o clareamento gengival é apresentado à população em geral pode ser exemplificada através de um artigo publicado na revista “Plástica & Beleza” (2002) – revista não científica – intitulado: *“A gengiva também pode ser clareada”*. Em tal artigo há imagens do pré e do pós-operatório, demonstrando a “eficácia” da técnica e da satisfação de quem se submeteu a tal procedimento. Tal artigo traz afirmações de um dentista relatando os benefícios do clareamento gengival, sendo destacada a população negra, pois essa representa o grupo de pessoas em que a melanose racial aparece com maior frequência.

De acordo com minha dissertação de mestrado (Bolla, 2007) intitulada “Etnocentrismo e Clareamento gengival: Ensaando uma aproximação”, no âmbito do ensino, o estudo evidenciou que a presença da melanose racial é tratada como uma alteração antiestética, sendo que os discentes aprendem a realizar tal clareamento apenas em nível de pós-graduação, ainda que tenham acesso às informações de como realizá-lo ainda na graduação. Mesmo reconhecendo o caráter não patológico da melanose racial, os dentistas entrevistados à época associaram a ausência de tal pigmentação com a possibilidade de se obter um sorriso saudável e bonito.

O clareamento gengival não é propriamente uma prática frequente - ao menos - na periodontia, atribuindo-se tal restrição ao desconhecimento e/ou à limitação de acesso da população negra - principais demandantes do procedimento - aos serviços privados da odontologia. Apesar da limitada frequência, o clareamento gengival se constitui num caso exemplar por referência à (re)consideração do ensino na graduação e pós-graduação em odontologia. (Bolla, 2007).



fonte: site www.dicasodontio.com.br, 2016.



Fonte: www.clinicaortoimplantes, 2016.

Em vista do exposto, questiona-se como o ensino de tais práticas odonto-médicas de embranquecimento – dentre outras existentes – relacionam-se com as concepções de beleza facial e bucal entre odontólogos recém-formados na cidade de São Paulo, legitimando a crença na supremacia estética da população branca em detrimento da negra.

1.4 – A Formação em Odontologia no Brasil

De acordo com Oliveira (2006), no início do século XX o ensino da medicina nos Estados Unidos e Canadá foi avaliado pelo educador americano Abraham Flexner, que constatou a precariedade destes cursos, enfatizando problemas em relação à duração (dos cursos), falta de equipamentos e laboratórios e despreparo dos professores no controle dos hospitais universitários. Apenas cerca de 20% das escolas americanas estavam dentro dos padrões científicos. A partir dessas constatações, foi publicado em 1910 o Relatório Flexner, criticando a situação da medicina, do ensino médico e preconizando mudanças. Esse relatório defendia a inserção das escolas de medicina às instituições universitárias, a criação de departamentos em lugar de cátedras, o desenvolvimento de ensino e pesquisa, a criação do ciclo básico diferenciado do ciclo profissional ou clínico e a incorporação do hospital como campo de treinamento na formação de médicos.

A partir de tal relatório, surgem novas propostas curriculares para o ensino de Direito, Medicina e Teologia. Dentre os objetivos de tal relatório, destacam-se a definição dos padrões de entradas de cursos, a ampliação dos cursos para quatro anos, o estímulo da docência em tempo integral, a introdução do ensino laboratorial e o controle do exercício profissional pela profissão organizada. Tal modelo americano serviu de base para o modelo tradicional do ensino da Odontologia no Brasil, enfatizando a formação tecnicista, com disciplinas tradicionais, aprendizagem psicomotora, prestação de serviço como instrumento de ensino, aprendizagem intramuros e pesquisa biológica (Lombardo, 2004).

Para Oliveira (2006), a origem da prática odontológica atual também tem raízes no “Relatório sobre Educação Dental”, nos Estados Unidos e Canadá, elaborado por Gies, em 1926, que seguia os mesmos conceitos do Relatório Flexner. Tal relatório propunha cursos organizados de forma positivista, biologicista, monopólica e mecanicista, privilegiando a assistência

individual e uma odontologia curativa, negando totalmente a prática empírica e enfatizando a especialização precoce.

Em 1911, Eptácio Pessoa decretou que os cursos que eram oferecidos pelas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia se transformassem em Faculdades de Odontologia com duração de 04 anos. Em 1919, com o Decreto no. 3830, Eptácio Pessoa cria a Faculdade de Odontologia do Rio de Janeiro. Em 1933 os cursos de odontologia tornam-se autônomos, desligando-se das escolas médicas (Oliveira, 2006).

Em 1956 foi criada a Associação Brasileira de Ensino Odontológico (ABENO), representando o início de uma fase de indução de processos de aperfeiçoamento do ensino da odontologia, e, juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (CAPES) já se preocupavam com o ensino integrado, gerando movimentos de inovação curricular.

Segundo Oliveira (2006), em 1966 foi sancionada a lei reguladora do exercício da Odontologia, a qual instituiu o conselho federal e os conselhos estaduais.

De acordo com Vaidergorn (2001), desde a Reforma Universitária de 1968, implantada durante o governo militar, o Governo Federal facilitou a criação de cursos superiores privados, como uma forma de suprir a demanda de vagas que as escolas públicas não conseguiam absorver. Tal reforma oficializou a separação entre o chamado currículo básico e o profissionalizante, modificando-se a dinâmica interna dos currículos.

Em 2002, Fiehn (apud Oliveira, 2006), num estudo de revisão, discutiu o estado da educação odontológica e das mudanças curriculares nos países nórdicos. Tal autor afirmou que ainda prevalecia o modelo curricular tradicional, flexneriano, baseado em disciplinas e destacou que a influência da biomedicina estaria aumentando, devido a desenvolvimentos médico-tecnológicos e científicos e a inter-relação de doenças bucais e sistêmicas. Em curto prazo, essa influência poderia resultar numa crise de identidade para as faculdades, os alunos e dos profissionais. Também alertou sobre a

importância da educação continuada para adequação ao novo papel da odontologia neste processo.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (NISKIER, 1996) de 1996 extinguiu os currículos mínimos, substituindo-os por “Diretrizes Curriculares”. As diretrizes curriculares nacionais para os cursos de odontologia, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) ganharam em amplitude, em definições gerais e na flexibilidade que permitiria repensar o ensino de forma não viciada em modelos arcaicos.

Os cursos de odontologia começaram a buscar soluções, desde o final de 2001, através da elaboração de projetos político-pedagógicos, mudanças curriculares, profissionalização do trabalho docente e etc. para responderem aos desafios das Diretrizes Curriculares para o curso de odontologia, as quais visam a formação de um profissional com um perfil generalista.

O artigo 43 da lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) afirma que, dentre outras, a finalidade da educação superior é a de estimular o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.

Discutindo o espírito crítico e o pensamento reflexivo na formação acadêmica dos futuros profissionais da área da saúde, Batista (2004) constata que,

*(...) projetar e vivenciar um ensino crítico, **reflexivo**, cientificamente rigoroso e eticamente comprometido parece incorporar a dimensão das inovações como buscas intencionais, planejadas e avaliadas, de romper com o modelo estabelecido. (grifo nosso)*

Para tanto – continuando ao encontro de Batista – a aprendizagem na saúde deve ser *“entendida como um processo de construção, em que o aluno edifica suas relações e intersecções na interação com outros alunos, professores, (...)”*.

Desse modo, teríamos um processo ensino-aprendizagem baseado numa relação horizontal e não vertical. Os alunos seriam estimulados a

pensar e refletir, e não seriam apenas meros expectadores e receptores de informações no processo ensino-aprendizagem (a educação “bancária” de Paulo Freire).

Ensinar não é apenas transmitir informações. De acordo com Batista, muitas vezes o docente da área da saúde

(...) com uma formação fundamentalmente construída com e nos anos de experiência como professor, não consegue dimensionar a complexidade da função mediadora, secundarizando as discussões sobre formação pedagógica e profissionalização da docência.

Para Secco & Pereira (2012) existe a necessidade de rever a formação do professor universitário. Por um lado, a exigência de construir um projeto pedagógico pautado pelo princípio da qualidade, o que traz novas demandas ao coletivo dos cursos e, por outro, a percepção de que a qualidade desse projeto depende muito de uma política de qualificação permanente do corpo docente como fundamento e garantia da qualidade do conjunto organizado de atividades acadêmico-científicas.

No Brasil, ainda se faz necessário que a educação aprimore seu trabalho, no sentido de superar o grave problema de exclusão social. O desafio de valorizar o público e o coletivo exige novos caminhos em termos da formação profissional em odontologia. O desafio a ser enfrentado parece passar pela superação da dicotomia entre "formação geral *versus* formação específica", mediante uma nova racionalidade capaz de incorporar a diversidade, as contradições e as tensões que constroem o cotidiano nas escolas de ensino superior.

Masseto & Antoniazzi (2004) relatam que, de modo geral

(...) há uma grande carência de formação pedagógica nos cursos de formação do cirurgião dentista, que muitas vezes, quando já em sua atividade profissional, é convidado para lecionar em algum curso de graduação de odontologia.

De acordo com Péret & Lima (2003), a formação do professor de Odontologia tem sido baseada na racionalidade técnica fundada na filosofia positivista. Nesta perspectiva, são considerados profissionais competentes aqueles que solucionam problemas instrumentais, mediante aplicação de teorias e práticas derivadas de conhecimento sistemático, de preferência, científico. O conhecimento emergente das particularidades dos contextos sociais e culturais dos cidadãos não tem sido enfocado nesse modelo.

Em vista de tal desafio, Péret & Lima sugerem que

Devemos estar abertos para uma análise crítica das propostas educacionais, sendo necessário o conhecimento das raízes dessas idéias para podermos compreender as novas derivações e seus efeitos e estarmos abertos para aceitar novas alternativas ao modelo existente. E buscar, então, caminhos para alcançar a mudança do perfil do professor de odontologia, para que este, como sujeito formador do profissional odontólogo, possa contribuir para o alcance do novo perfil preconizado, ou seja, humanístico, crítico e reflexivo.

Diante do caráter tecnicista do curso de Odontologia, da necessidade em se formar profissionais críticos e reflexivos e das atuais propostas de mudanças, questiona-se o ensino da Odontologia, na perspectiva do tratamento da questão estética para além do senso comum.

2.1 – Objetivo Geral

Identificar as concepções de estética facial e bucal subjacentes à formação e prática profissional do cirurgião dentista recém-formado, na perspectiva do racismo, em interface com as representações presentes no senso comum.

2.2 – Objetivos Específicos

1 – Caracterizar os conceitos de beleza facial/bucal de recém-formados em Odontologia;

2 – Identificar a manifestação do racismo nas concepções de beleza destes recém-formados;

3 – Discutir a influência do ensino da Odontologia estética nas concepções de beleza entre odontólogos recém-formados;

4 - Apreender a representação de estética facial/bucal veiculada em uma revista de circulação.

3.1 – Delineamento do estudo

Tendo em vista os propósitos da presente pesquisa, propõe-se realizar um estudo de caráter investigativo, ancorado numa abordagem qualitativa, visto que tal recurso permite a compreensão de valores culturais e de representações de determinado grupo sobre temas específicos (Minayo, 1992).

Segundo Minayo (1992), a pesquisa qualitativa aprofunda o significado e a intencionalidade e que, a rigor, qualquer investigação social deveria contemplar o aspecto qualitativo que trazem para o interior da análise o subjetivo, o objetivo, os atores sociais, os fatos e significados, trabalha o caráter de antagonismo, de conflito entre grupos sociais, permite aprofundar o caráter social, as dificuldades de construção do conhecimento e responde a questões muito particulares de pesquisa. Além disso, a pesquisa qualitativa se preocupa com realidades que não podem ser quantificáveis, pois lida com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, fenômenos esses que não podem ser compreendidos por meio de operacionalização de variáveis, equações ou médias estatísticas.

Tendo como ponto de partida tais afirmações, o presente estudo envolveu quatro movimentos investigativos:

- 1º. A caracterização do embranquecimento no ensino da odontologia estética;
- 2º. A identificação dos padrões de beleza facial subjacentes ao senso comum;
- 3º. A apreensão das concepções de estética bucal/facial entre profissionais da Odontologia;
- 4º. A qualificação do embranquecimento na perspectiva do racismo.

3.2 – O sorriso referendado na imprensa escrita

Analizamos uma revista, de grande circulação local, dirigida ao público em geral:

1 – Revista Metrópole de Campinas;

Buscamos realizar nessa etapa um levantamento e a análise das imagens/fotos trazidas por esta revista, objetivando identificar quais padrões estéticos estão vigentes em revistas de grande circulação voltadas ao público geral (Revista Metrópole de Campinas).

A revista em questão tem periodicidade semanal e é conhecida por trazer, em todas as suas edições, diversos anúncios de consultórios/clínicas odontológicas, todas elas repletas de fotografias. A escolha por essa revista se justifica por apresentar, em detrimento de outras revistas de circulação, um relevante maior número de anunciantes odontólogos, vindo ao encontro de nosso objetivo em se verificar, na imprensa comum, quem são esses modelos apresentados e legitimados como belos, capazes de atrair o público em geral por seus atrativos estéticos.

3.3 – Concepções estéticas relativas ao embranquecimento

A apreensão das concepções de beleza do cirurgião dentista, no tocante ao embranquecimento, levou em conta as informações obtidas a partir das entrevistas com os profissionais da área de odontologia recém-formados (até três anos de formação) em três instituições estaduais do Estado de São Paulo: USP, UNESP e UNICAMP.

Para Minayo (1992),

“Através da entrevista, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais; é um meio de coleta de fatos relatadas pelos atores, enquanto sujeito-objeto da pesquisa, que vivenciam uma determinada realidade que está sendo investigada”.

Ressalta-se, mais uma vez, a procura por profissionais formados em instituições estaduais paulistas, visto que tais cursos são considerados de excelência além de realizarem grande parte das pesquisas científicas do país. Além disso, a questão da conveniência também se fez presente, a partir do momento que o pesquisador é residente no referido estado.

Para a seleção da população de estudo, consideramos cirurgiões dentistas que tivessem concluído a graduação no máximo há 03 anos (privilegiando, dessa forma, profissionais que tiveram seu conhecimento científico consolidado recentemente).

Optamos, originalmente, pelo número, máximo, de 10 entrevistas, visto que não intencionamos quantificar os dados colhidos. Entretanto, existiu a preocupação em garantir que concepções diferentes pudessem ser colhidas e, conseqüentemente, confrontadas e analisadas. De outro lado, a

observância de repetições faz com que as entrevistas sejam encerradas, independente do número de 10 (dez) ter sido contemplado ou não.

Primeiramente, para que pudéssemos localizar profissionais formados pelas faculdades citadas e residentes na cidade de São Paulo, solicitamos seus endereços profissionais à APCD (Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas). O contato com esses profissionais foi realizado via telefone, oportunidade na qual foi apresentado o objeto e os objetivos da presente pesquisa e realizado o convite para participar da mesma.

Optamos, nesta investigação, pela entrevista semiestruturada que, segundo Lüdke e André (1986)

“se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

Com um roteiro previamente esquematizado, procurou-se explicitar aos entrevistados o objeto e o objetivo de nossa investigação, assim como procuramos, também, deixá-los à vontade, possibilitando que estes explicitassem suas concepções, caso acreditassem na relevância da mesma. As entrevistas foram realizadas no consultório do pesquisador e/ou em outro local, a critério do entrevistado. A duração média de cada uma delas foi de 30 minutos.

A estruturação da entrevista, cujo roteiro consta dos anexos, envolveu três eixos investigativos, a saber:

- 1 Perfil dos entrevistados, envolvendo a identificação do gênero (masculino ou feminino), da idade, do tempo de formado, da instituição que realizou a graduação (USP, UNICAMP ou UNESP) e de uma possível nova titulação (além da conclusão da graduação em Odontologia).
- 2 Identificação dos motivos que levaram os entrevistados a optar pela odontologia, visando colher dados acerca da valorização estética;
- 3 Apreensão e caracterização dos padrões estéticos vigentes na formação de cirurgiões dentistas recém-formados.

Concluídas as entrevistas, elas foram transcritas pelo próprio pesquisador, visto que:

Ouvir e transcrever a entrevista constitui, para o pesquisador, um exercício de memória, em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de uma determinada palavra em um certo momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detectou em seu interlocutor (Queiroz, 1991).

3.4 – Formação e embranquecimento

A fim de obter informações sobre o ensino do embranquecimento na odontologia estética, recorreremos à análise documental, que, segundo Lüdke e André (1986)

(...) pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

Foram consultadas as seguintes fontes:

- 1 Livros didáticos da disciplina de Periodontia: **Compêndio Terapêutico Periodontal**, de Lascale (1999), **Periodontia Clínica**, de Machado (2003), **Periodontia Clínica de Glickman**, de Carranza Jr (1986) e **Tratado de Periodontia Clínica e Implantologia Oral**, de Lindhe, Karring & Lang (2005)

Tendo em vista a análise documental, foram priorizadas as seguintes informações:

- 1 Padrões estéticos referendados;
- 2 Técnicas preconizadas para a realização do branqueamento;
- 3 Justificativas apresentadas para a realização da prática de tal (tais) procedimentos;
- 4 Abordagem da questão racial.

Tendo abordado em nossa introdução o clareamento gengival como exemplo de procedimento executado objetivando o branqueamento, justificamos a opção pela consulta dos livros didáticos de Periodontia, livros estes presentes na maioria das bibliografias sugeridas nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia.

3.5 – Análise dos dados

Segundo Minayo (1992), a análise busca a compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou respostas às questões formuladas, e consequente ampliação de conhecimento sobre o assunto pesquisado.

Tendo em vista tal procedimento, realizamos, tanto em relação à consideração dos documentos como das respostas registradas nas entrevistas, a análise de conteúdo. Essa análise é uma técnica de tratamento científico, que busca a lógica na interpretação do material coletado. (Minayo, 1992).

De acordo com Bardin (1977) a análise de conteúdo pode ser definida como

(...) um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Bardin (1977) afirma, também, que o objeto da análise de conteúdo é a palavra. Tenta-se compreender o aspecto individual, o significado ou o ambiente num determinado momento.

Na análise de conteúdo, segundo Demo (1995), não é tão importante se a linguagem é gramaticalmente correta, mas sim os conteúdos manifestados por ela.

Dentre as modalidades da Análise de conteúdo, optamos pela Análise Temática, que segundo Minayo (1992):

(...) consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado (...) Para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso.

A partir desses recursos, aplicados aos dados levantados nos movimentos investigativos anteriores, procuramos identificar e discutir a presença de elementos etnocêntricos nos referenciais de beleza tendo por referência o conceito de etnocentrismo segundo Thomaz (1995), segundo o qual:

O etnocentrismo consiste em julgar como certo ou errado, feio ou bonito, normal ou anormal os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos a partir dos próprios padrões culturais.

3.6 – Procedimentos éticos

Por ocasião da realização de entrevistas, foram explicitados aos profissionais o objeto e os objetivos da pesquisa, deixando-os à vontade para prosseguir – ou não – com a mesma.

Por fim, buscando garantir o anonimato dos profissionais entrevistados, nos utilizamos de letras ao nos referirmos a cada um deles (Entrevistado A, Entrevistado B, Entrevistado C, etc.) quando se fez necessária a inserção de suas falas no texto, cumprindo o acordado no momento do convite.

4.1 – Revista Metrópole de Campinas

Foram analisadas 10 (dez) edições sequenciais referentes aos meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 2012, a saber:

- 22 de janeiro;
- 29 de janeiro;
- 05 de fevereiro;
- 12 de fevereiro;
- 26 de fevereiro;
- 01 de março;
- 04 de março;
- 18 de março;
- 25 de março;
- 01 de abril.

Na referida análise, o olhar foi dirigido às fotografias constantes em cada uma das edições assim como as postadas nas propagandas de consultórios e/ou clínicas odontológicas, buscando elencar qual a etnia dos modelos.

Na edição de 22 de janeiro de 2012, não foram encontradas propagandas odontológicas. No entanto, dentre todas as fotos postadas (tanto nas matérias quanto nas propagandas), não foram identificados modelos negros.

Na análise da edição de 29 de janeiro de 2012, duas das propagandas presentes eram de consultórios/clínicas odontológicas. Nenhum dos modelos fotografados era negro(a).

Nas três edições analisadas do mês de fevereiro de 2012 (05, 12 e 26/02), encontramos:

- 05 de fevereiro: visualizamos 03 propagandas odontológicas, todas com modelos brancos. Nas demais propagandas, apenas em uma delas encontramos uma mulher negra. Ressalta-se a ausência de traços negroides na mesma. Nas demais propagandas/artigos, apenas modelos brancos;

- 12 de fevereiro: 02 propagandas de clínicas odontológicas, com modelos brancos. Nas demais, todos os modelos, também, brancos;

- 26 de fevereiro: Edição especial, trazendo a temática da saúde. Diversas propagandas e reportagens, inclusive odontológicas, todas com a totalidade de modelos brancos presentes nas fotografias.

Edições analisadas do mês de Março de 2012:

- Nas edições de 01 e 04 de março, encontramos, respectivamente, 04 propagandas de clínicas odontológicas (com modelos brancos) na primeira e uma modelo negra, em um chamado de um instituto educacional na segunda.

- Nas duas edições restantes, modelos brancos na quase totalidade das propagandas, odontológicas ou não.

A edição de 01 de abril seguiu a tendência das demais analisadas, fazendo com que concluíssemos que não havia necessidade de prosseguir a análise da referida revista em outras edições posteriores.

É marcante a predileção, entre os anunciantes de tal revista, por modelos brancos. O público de etnia negra, em tal revista, não se vê representado nem nos artigos, nem nas propagandas, remetendo-nos à apropriada fala de Santos (2005), quando este afirma:

Nada contra os loiros, mas tudo contra a loirice. É inegável que o loiro tem um tipo de beleza, mas no Brasil foi construído um ideal de beleza que é loiro. Por exemplo, eu tenho uma filha que nasceu, cresceu e ficou adulta sem nunca ter visto na capa de revista uma mulher negra. Quando ela viu, ela tinha 22 anos, ou seja, ela teve toda sua infância e adolescência sem um dia ver uma mulher negra ser capa de revista. Imagina se ela não fosse minha filha, que recebeu uma boa formação dentro de casa. Ela nunca ia saber que ela é muito bonita, porque a beleza pertence aos outros. Isso é um escândalo. (Santos, 2005).

Negros, então, não são representados em tais revistas. Fica evidente a predileção pelo padrão branco de beleza. Desta maneira, explicitam que o negro não é belo, ou seja, não tem uma beleza digna de lhes representarem em seus anúncios.

Tal ausência de referências de identificação positiva negra faz com que negros(as) sintam-se apagados/deslegitimados, em concordância com a citação de Santos (2005). É imperativa, pois, a urgência em reconhecer e legitimar a estética de não brancos por parte dos diversos meios de comunicação.

4.2 – Análise documental

Foram consultados três livros de Periodontia buscando identificar as descrições neles presentes no que tange à anatomia macroscópica da gengiva e o que tais livros legitimam como normal (fisiológico).

- A) **Tratado de Periodontia Clínica e Implantologia Oral**, de Lindhe: O capítulo denominado “Anatomia do Periodonto”, apresenta a seguinte descrição da anatomia macroscópica da gengiva:

*A gengiva é a parte da mucosa mastigatória que cobre o processo alveolar e circunda a porção cervical dos dentes. (...) Em direção à coroa, a **gengiva de cor rósea** termina na margem gengival livre, que possui um contorno festonado. No sentido apical, a gengiva é contínua com a mucosa alveolar (mucosa de revestimento), que é frouxa e **de cor vermelha mais escura**, da qual em geral é separada por uma linha limitante facilmente reconhecida, chamada de junção mucogengival.(...) **A gengiva livre, que tem cor rósea**, superfície opaca e consistência firme, compreende o tecido gengival das partes vestibular e lingual ou palatina dos dentes.*

*(...) Com textura firme e **cor rósea**, a gengiva inserida com freqüência mostra uma superfície que apresenta uns pontilhados delicados, o que lhe confere o aspecto de casca de laranja (grifos nossos).*

Nessa obra não existe nenhuma referência sobre a melanose racial, característico da população negra. Em contrapartida, “cor rósea” apareceu por três vezes, sugerindo ser esta a condição fisiológica, legitimando o padrão anatômico de brancos.

Um aluno de graduação em Odontologia internalizará que uma gengiva normal é uma gengiva de cor rosa. Mesmo que este aprenda, posteriormente, que a pigmentação fisiológica (melanose racial) não é uma patologia, este ainda considerará tal característica como um “desvio de normalidade”, já que, no livro que estudou a anatomia do periodonto, esse afirmava que a gengiva normal é a gengiva de cor rosa.

Tal discussão possibilitará que graduandos e pós-graduandos em odontologia considerem, então, que a melanose racial é um desvio de normalidade da cavidade bucal. Isto equivale dizer que não é patológico, entretanto, não é normal.



Fonte: <http://www.imaiodonto.com.br>, 2016

B) Periodontia Clínica de Glickman, de Fermin A. Carranza Jr (1986):

Os autores da referida obra descrevem que

A cor da gengiva inserida e marginal é geralmente descrita como rosa-claro, e é produzida pela vascularização, (...). A cor varia em diferentes pessoas e parece estar correlacionada à pigmentação cutânea. É mais clara nos indivíduos louros de pele branca do que nos morenos. (...) A mucosa alveolar é vermelha, lisa e brilhante. (...).

Somente após tal descrição é que a obra apresenta, ainda no mesmo capítulo, um tópico denominado “Pigmentação Fisiológica (Melanina)”, afirmando que:

A melanina, um pigmento pardo não derivado da hemoglobina, é responsável pela pigmentação normal da pele, gengiva e membrana mucosa bucal. Está presente em todos os indivíduos, (...) A pigmentação melânica na cavidade bucal é acentuada nos negros.

A presente obra já apresenta ao estudante a existência e a normalidade da pigmentação fisiológica (melanose racial), e que tal pigmentação é “acentuada” nos negros.

Importante ressaltar que os autores descrevem a gengiva como um tecido de cor rósea e apresentam ao leitor algumas informações pertinentes a esse tecido. Somente em um momento posterior é que introduzem o conceito da melanose racial, afirmando que esta se apresenta, acentuadamente, na população negra. Mesmo que tal texto não afirme se tratar de uma característica anormal, a simples disposição das informações expressa uma

condição que não é considerada “normal”. O “normal”, segundo o texto sugere, é a gengiva de cor rosa-claro. Sinaliza, logo, para uma possível “hierarquia” entre essas características.

C) **Periodontia Clínica**, de Walter Augusto Soares Machado (2003). O autor descreve a anatomia macroscópica da gengiva da seguinte maneira:

“Na boca, encontramos três tipos distintos de mucosas: especializada, mastigatória e de revestimento. A gengiva, juntamente com a cobertura do palato duro, pertence à mucosa mastigatória. A gengiva recobre o processo alveolar que circunda os dentes: em indivíduos caucasianos, possui coloração rósea e consistência firme; em negros e asiáticos, apresenta também significativa quantidade de melanina. (...)”.

Tal obra reconhece o que é normal em distintos grupos étnicos: Para os caucasianos, uma gengiva rosa e para os negros, uma gengiva que apresenta também significativa quantidade de melanina. Sem omissões, sem confundir/associar a melanose racial como um desvio da normalidade e sem hierarquizar as informações apresentadas.

Ressaltamos que nossa pesquisa não contempla a qualidade das obras existentes no mercado. O objetivo da análise destas diferentes obras tem como objetivo único verificar se um graduando em odontologia tem ou não acesso, nas suas primeiras aproximações com a periodontia, às informações capazes de subsidiar, ou não, uma ação preconceituosa.

Focalizando especificamente a consideração da questão racial nos textos sobre o clareamento gengival, registramos no **“Compêndio Terapêutico Periodontal”** (Lascale,1999) que no capítulo sobre “Gengivectomia/gengivoplastia” o autor discute que a gengivectomia “(...) visa, única e exclusivamente, à obtenção de uma arquitetura gengival anatomofisiológica”.

Dentre as indicações de tal técnica, o autor refere a:

- *Eliminação de margens gengivais espessas;*
- *Eliminação de crateras gengivais superficiais;*
- *Correção de desníveis gengivais em áreas de dentes adjacentes;*
- *Eliminação de pigmentação melânica.*

Melanose Racial (pigmentação melânica):



Fonte: <http://drakarinepinera.blogspot.com.br/2014>

Ratificando as informações apresentadas nas indicações de tal técnica, quando da descrição da eliminação de pigmentação melânica o autor afirmou que:

A presença da melanina, sob diversas formas, no tecido gengival de pacientes melanodermos, não é de maneira alguma, sinal de patologia, apenas uma variação da normalidade. Nesses casos a indicação da gengivoplastia se dá apenas por razões estéticas.

Explicitado no texto, o autor considera a melanose racial como um desvio da normalidade.

De início, o texto comunica que a gengivectomia/gengivoplastia “*visa, única e exclusivamente, à obtenção de uma arquitetura gengival anatomofisiológica*”. Isto é, devolver à gengiva forma e funções normais. Essa mesma abordagem se expressou nas indicações da técnica envolvendo a eliminação da pigmentação melânica que pese o caráter exclusivamente estético de tal procedimento.

Ficou implícito que o propósito de devolver a forma normal à gengiva está associado à eliminação da melanose racial. Isto é: a gengivoplastia tem como função devolver a forma normal da gengiva. E dentro desse devolver uma forma normal, indica-se tal técnica para a eliminação da melanose racial, pois, enquanto uma variação da normalidade, esteticamente fica mais bonito se tal característica for “eliminada” (infere-se, então, que essa pigmentação não é normal e é feia. Logo, deve ser corrigida, branqueada). Considerando que tal procedimento cirúrgico visa devolver forma e função normais, o autor associa a estética à saúde.

Ainda que outras perspectivas surgissem, na maioria das fontes consultadas encontramos a referência do padrão branco como normalidade no que se refere à estética bucal.

4.3 – As entrevistas

Foram realizadas 08 (oito) entrevistas com cirurgiões dentistas recém-formados, provenientes de universidades públicas do Estado de São Paulo: UNESP, UNICAMP E USP.

Após a conclusão da oitava entrevista verificou-se que as respostas tornaram-se repetitivas e que – portanto – a continuidade das mesmas seria redundante.

Perfil dos Entrevistados:

Com relação ao perfil dos entrevistados observou-se, de acordo com a tabela 1, que 62,5% dos entrevistados eram do sexo feminino. Sem pretender relacionar o sexo ao racismo, tal informação condiz com a configuração do mercado de trabalho da odontologia. Em um artigo publicado pelo CFO (Conselho Federal de Odontologia) em 2007, intitulado “*Cirurgião-dentista não é mais uma profissão só de homens*”, observa-se a seguinte afirmação:

(...) Lá se vão os tempos em que os homens davam o tom da profissão de cirurgião-dentista. A cada ano mais mulheres e sempre ainda bem jovens entram no mercado de trabalho através da odontologia.

Tais dados levantados também veem ao encontro da fala de Barreto, então chefe do CPD do Conselho Federal de Odontologia, que, no mesmo artigo registra:

(...) curiosamente se diz que a profissão de dentista é tipicamente masculina e o que está se vendo hoje, num simples estudo feito entre os inscritos no CFO, é que ela está se configurando como um ambiente feminino. (...) Analisando por regiões a gente observa que a faixa etária de até 30 anos é maciçamente feminina, o que vem reforçar o prognóstico de que a profissão de cirurgião-dentista será tipicamente feminina

Ainda quanto ao sexo dos entrevistados, identificamos no artigo “Mulheres são minoria em apenas cinco carreiras”, do site “O globo”, de 07 de janeiro de 2013 que, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, dentre as 20 carreiras universitárias com maior número de recém-formados de 20 a 29 anos, as mulheres só não são maioria em cinco delas, destacando ciência da computação, engenharia civil e economia. Nas demais carreiras, como medicina (54%) e odontologia (69%), as representantes do sexo feminino já superaram os homens.

Tabela 1 – Perfil dos Odontólogos recém-formados entrevistados segundo: sexo, idade, cor/etnia, tempo de formado, instituição que realizou a graduação e outras formações, São Paulo/SP, 2013.

Variável	n	%
Sexo		
Homens	3	37,5%
Mulheres	5	62,5%
Idade		
De 21 a 23 anos	3	37,5%
Acima de 23 anos	5	62,5%
Cor/Etnia		
Negra	1	12,5%
Oriental	1	12,5%
Branca	6	75%
Tempo de formado		
Até 01 ano e meio	6	75%
Acima de 01 ano e meio (até 03 anos)	2	25%
Instituição/graduação		
UNESP	3	37,5%
UNICAMP	2	25%
USP	3	37,5%
Outras formações já concluídas		
Somente Ensino Médio	7	87,5%
Técnico Prótese dentária	1	12,5%

De forma correlata, quanto ao tempo de formado, de acordo com a Tabela 1, todos os entrevistados estão incluídos nas faixas que compreendem, no máximo, 03 anos de formado.

Essa distribuição legítima, portanto, que os dados colhidos nas entrevistas sejam concepções de odontólogos recém-formados (à época da realização das entrevistas).

No que tange à cor/etnia dos entrevistados, apenas uma entrevistada se declarou negra, o que representou 12,5% do total de entrevistados. Confirmando tal percentual, um artigo publicado no site do UOL EDUCAÇÃO, intitulado “No curso de medicina, apenas 2,7% dos formandos são negros”, de 20 de maio de 2013, afirma que dos universitários que foram submetidos ao Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) em 2010, apenas 6,13% se declaravam pretos ou pardos. Em 2009, o índice foi ainda menor: 5,41%.

Com relação à formação complementar, apenas 01 entrevistado (12,5%) possuía, à época da entrevista, formação extra além do curso recém-concluído e do ensino médio.

A escolha profissional: os porquês da opção pela Odontologia

Dentre as razões pelas quais os entrevistados optaram pela odontologia, em um quadro de múltiplas referências, identificamos diversas ordens de argumentação.

Quase 40% dos sujeitos de nossa amostragem responderam ter afinidade com a área da saúde:

“Sempre gostei da odontologia. Da parte cirúrgica, para ser mais exato” (Entrevistado D).

“Sempre gostei da área médica!” (Entrevistado H).

“Por ter visitado a faculdade de Odontologia da UNIP na época do ensino médio (...) e me interessei pela profissão” (Entrevistada A)

Um dos entrevistados respondeu que a odontologia era a opção alternativa diante da reprovação no vestibular para medicina.

“Queria Medicina. Odonto foi minha segunda opção. Mas hoje sei que foi a opção acertada” (Entrevistada C).

Dois entrevistados (25% da amostra) revelaram que a presença de algum familiar exercendo a odontologia constituiu um fator importante na escolha da carreira:

“Acho que influência familiar. Sou a 4ª dentista na família” (Entrevistada B).

“Acho que por influência. Meu irmão fez odonto também...” (Entrevistado F).

Sucesso profissional ao lado do propósito obter êxito financeiro também compôs parte dos argumentos relevantes para a escolha da odontologia entre os entrevistados:

“Por diversos fatores... queria fazer um curso que me possibilitasse ter sucesso profissional e financeiro”.(Entrevistado H).

Habilidade manual e crença na beleza da profissão foi o argumento usado para justificar a escolha pelo curso de Odontologia:

“Acho a profissão linda, e sempre tive destreza manual”(Entrevistada E)

Curiosamente, prazer em cuidar ou servir ao outro não esteve presente em nenhuma das respostas recebidas.

Em suma, no que tange aos porquês de tal escolha profissional, elencamos três principais eixos, de acordo com os entrevistados:

1. Interesse pela profissão;
2. Influência familiar;
3. Realização profissional/financeira.

Concepções de beleza facial: rosto e sorriso bonitos

Perguntados acerca do que é um rosto bonito – objetivando verificar se espontaneamente os entrevistados explicitariam características da população branca – os entrevistados afirmaram, quase na sua maioria, que harmonia/proporcionalidade entre os elementos faciais é fundamental. Nas descrições daquilo que, segundo eles, é belo, argumentaram da seguinte maneira:

“Proporcionalidade. Isso é o que diferencia um rosto bonito de um não bonito. Tem pessoas que você olhando, nada é feio no seu rosto, mas o conjunto é não combina.... é isso.... falta a proporcionalidade” (Entrevistado D).

“Um rosto bonito? Olhos cor de mel, sobrancelhas finas, nariz arrebitado, lábios carnudos, dentes alvos” (Entrevistada E)

No lugar de descrever um rosto bonito, o entrevistado C prefere citar um exemplar do padrão branco de beleza:

“Um rosto bonito? Leonardo de Caprio”.

A preferência por pessoas magras e/ou de etnia branca demarca a resposta dos entrevistados “F” e “A”:

“Bonito? Deixe eu pensar.... Rosto magro, afilado, olhos marcantes, (...) lábios finos e delineados, nariz proporcional ao tamanho da face”(Entrevistado F)

“(...) Acho que um rosto com harmonia entre os olhos, nariz e boca. Nariz pequeno, lábios rosados, nem finos nem muito grossos, dentes brancos (...)” (Entrevistada A).

A relação entre beleza e saúde também esteve presente :

“Rosto bonito é um rosto saudável, sem marcas, sem manchas, com semblante alegre, feliz” (Entrevistada G).

“Traços leves, limpos. Lábios, nariz, olhos formando um conjunto integrado. Dentes limpos, saudáveis, brancos, alinhados” (Entrevistada B).

Inqueridos acerca de um sorriso bonito – buscando verificar se dentre as características citadas o sorriso do negro seria legitimado, também, como belo – alguns dos entrevistados não conseguiram distinguir tal questionamento do anteriormente realizado:

“Como eu disse: Dentes brancos, alinhados, tamanho médio, lábios rosados, harmônicos, oclusão em Classe I” (Entrevistada A)

Afirmam que o cirurgião dentista não dissocia um rosto bonito de um sorriso bonito:

“Acho que já falei na outra pergunta. Não sabia que estaria separada a pergunta. Acho que o dentista não dissocia um rosto bonito de um sorriso bonito. Mas é isso que eu disse. Dentes claros, alinhados, bem tratados. Nem grandes , nem pequenos. (...) Os lábios devem ser levemente carnudos, bem desenhados...”. (Entrevistada B).

Nas respostas apontaram, mais uma vez, que acreditam que um sorriso bonito esteja intimamente relacionado ao sorriso dos indivíduos brancos:

“Dentes brancos, alinhados, (...) Arcada com todos os dentes, lábios vermelhos, gengiva rosada, saudável”. (Entrevistada C).

“Dentes brancos, alinhados, sem diastemas (...)” (Entrevistado H).

A integração entre beleza e saúde é preocupação para grande parte dos entrevistados (75%):

“(...) sem restaurações escuras, sem extrações ... Oclusão em Classe I” (Entrevistado H).

“Dentes sem manchas, gengiva saudável, bom hálito, dentes livres de cáries e de cálculos (tártaro)”. (Entrevistada G).

“Eu acredito que um sorriso saudável é um sorriso bonito, independente da forma, tamanho, cor dos dentes ...” (Entrevistado F).

“Dentes bem posicionados, brancos, sem manchas, sem tártaro (...)” (Entrevistada E).

“(...) Ah, claro! Sem cáries, sem tártaros, sem manchas de nicotina” (Entrevistado D).

“(...) Arcada com todos os dentes, lábios vermelhos, gengiva rosada, saudável” (Entrevistada C).

Finalizando este conjunto de perguntas acerca da beleza facial, solicitamos aos entrevistados para citarem nomes de personalidades famosas que consideram bonitos (as). Nesse ponto da entrevista seria de fundamental relevância suas referências e crenças do que é bonito. Sem, ainda, explicitar aos entrevistados nossa intenção em apreender suas concepções acerca da beleza negra, esses – ancorados em suas percepções estéticas – demonstram o quão etnocêntricos são seus referenciais.

Abaixo, relacionamos tais personalidades de acordo com a cor/etnia dos mesmos:

A – Brancos (24 citações):

- Leandra Leal;
- Juliana Paes;
- Xuxa (2);
- Rodrigo Santoro;
- Kaká (futebol);
- Leonardo de Caprio (2);
- Michelle Pfeifer;
- Ben Affleck;
- Antonio Banderas;
- Edward Norton;
- Gisele Bundchen (2);
- Angelina Jolie;
- Pato (futebol);
- Fernanda Lima;
- David Beckham;
- Alexandre Slaviero;
- Bruno Gagliasso;
- Brad Pitt;
- Chad Michael Murray;
- Gwyneth Paltrow;
- Amanda Seyfried;

B) Negros (07 referências):

- Kerry Washington;
- Blair Underwood;
- Denzel Washington;
- Camila Pitanga;

- Taís Araújo;
- Lucy Ramos;
- Rihanna.

Dentre 31 citações realizadas, espontaneamente, 24 destas referendaram pessoas brancas, o que representa 77,4% do total. Dentre os 07 (sete) negros elencados (22,6%) apenas 01 (um) foi eleito por um entrevistado branco, o que representa que, dentre os padrões de beleza vigentes para os entrevistados, em meio a 25 citações dos entrevistados brancos, apenas uma personalidade negra foi lembrada, representando somente 4% da preferência destes.

Ressalta-se, por outro lado, que seis dos sete negros lembrados, foram escolhidos pela única entrevistada negra, a qual relatou:

“Vou puxar sardinha... (risos). Homem: Blair Underwood e Denzel Washington. Mulher: Camila Pitanga, Taís Araújo, Lucy Ramos, Rihanna”.

Diante da frase “Vou puxar sardinha” seguida dos risos da entrevistada negra, e do fato de que nenhum dos demais entrevistados realizou comentário semelhante, ao contrário, a certeza de que suas preferências são as legitimadas por todos como mostra a entrevistada C: “Leonardo De Caprio, a Gisele, claro..... tem vários, mas estes dois representam padrões masculinos e femininos do belo”, podemos pensar que o negro precisa justificar as escolhas negras, enquanto que os brancos não precisam justificar as escolhas brancas. Infere-se, então, que a estética branca é legítima, mas a estética negra sempre deve ser justificada.

Após a explicitação daquilo que consideram belo, os entrevistados ancoram sua preferência pelo padrão branco de beleza. A quase total ausência de citações espontâneas de personalidades de etnia negra nos aponta que, para eles, o belo é o que já está instituído, é o padrão de beleza do branco.

Quanto à formação/prática e sua relação com a estética

Dentre as disciplinas que trataram a questão estética durante a graduação – levando em conta respostas múltiplas – identificamos que a Dentística⁴ e a Prótese Dentária⁵ foram citadas por quase todos. Outras disciplinas lembradas foram a Ortodontia (correção do posicionamento dos dentes na arcada dentária), Periodontia (tratamento da gengiva e de tecidos adjacentes) e Cirurgia . A Clínica Integrada (atendimento integral ao paciente, aborda todas as disciplinas) apareceu em algumas respostas.

Alguns dos entrevistados não chegaram a nomear as disciplinas, limitando-se a afirmar que a grande maioria das disciplinas do âmbito clínico traziam em suas grades a preocupação com a estética.

No plano discursivo os entrevistados assim se expressaram a respeito:

“Várias.... das disciplinas clínicas, praticamente todas tinham algo de estética. .. A dentística, a perio, a prótese, orto.(...)”
(Entrevistada A).

“(...) Muitas matérias. O curso de Odonto é um curso que valoriza muito a estética. Todas matérias puxam um pouco pra estética pra chamar a atenção da classe...” (Entrevistado D).

“Dentística, orto, prótese, perio (...)” (Entrevistada E).

“Orto e prótese” (Entrevistada G).

“Prótese dentária, ortodontia, dentística... Cirurgia e perio também” (Entrevistado H).

⁴ A dentística é a especialidade da odontologia que estuda e aplica de forma integrada o conjunto de procedimentos semiológicos, operatórios, preventivos, terapêuticos e educativos, com o objetivo de preservar e devolver ao dente sua integridade estrutural, funcional e estética.

⁵ A prótese dentária tem como objetivo a reconstrução dos dentes parcialmente destruídos ou a reposição de dentes ausentes proporcionando ao paciente a função, a saúde, o conforto e a estética.

A questão da estética nos cursos de odontologia está presente, sendo referenciada por múltiplas disciplinas e coloca-se prioritariamente relacionada à preservação de uma gengiva saudável, dentes brancos, alvos, sem manchas. A associação entre o que é belo e o que é saudável estão presentes nas falas dos entrevistados. Nessas falas, os entrevistados associam o aspecto saudável à beleza, demonstrando que existe associação, por parte desses, entre saúde e estética.

Apontam, também, que não se trata de um curso com finalidade exclusivamente estética, preocupando-se em não serem legitimados apenas como promotores de beleza. Marcam sua profissão como uma profissão da área da saúde, na qual são preparados para terem uma visão ampla, como apontaram as entrevistadas A e B:

*“Não se falava de estética o tempo todo... é um curso da área de saúde, temos uma visão ampla, bem fundamentada. Minha faculdade estimula bastante a pesquisa, o bem estar.... quando se falava em estética, **sempre estava ligada à saúde, ao bem estar....**”(grifo nosso)*

“A preocupação sempre foi com a saúde e o belo. Aliás, o que é saudável é bonito!”

Implicitamente (Entrevistada C) ou explicitamente (Entrevistados D e E), demonstram a crença na valorização da técnica. Afirmam que a beleza, na faculdade, está diretamente relacionada ao aprendizado de uma nova técnica, um novo procedimento, livre de juízo de valores em relação à etnia. O padrão estético vigente é, assim, legitimado como algo natural, instituído, como se não houvesse divergentes opiniões acerca da temática:

“A pessoa tem que apresentar um rosto simétrico. Ela pode ser branca, preta, amarela.... tanto faz.... a cor não importa... O que precisa é ter simetria, ser bela... não ter nada que se destaque demais (...) Um narigão, por exemplo, não é bonito, né?” (Questiono: Poderíamos considerar como um “narigão”, um nariz negroide?)

“Sempre enfatizando o procedimento... se falava da estética para aprendermos um novo procedimento de caráter estético”

“Discutíamos os procedimentos. Aliás, não discutíamos, aprendíamos....”

Quando perguntados se ao longo da graduação lhes foram apresentadas algumas técnicas de modificações de traços negróides – e como tal temática foi abordada – observamos que em 100% dos casos a oferta de tais técnicas existiu, ainda que nem todos tenham concordado que se tratava de procedimentos para modificar características presentes na população negra:

“Não sei se de modificação de traços negros. O problema não é ser negro, entende? (...) Mas se o negro é dentuço, por exemplo, tem que corrigir, não por ser negro, mas por ser dentuço” (Entrevistada C)

“Não sei se só de negros (...) mas por exemplo, muitos negros tem arcada biprotrusivas. Isso não é muito estético, então, a correção ortodôntica fica legal” (Entrevistado F)

Desviaram do foco da questão apresentada, antecipando-se em afirmar que não se trata de procedimento/técnicas racistas:

“Discutíamos, sim, algumas coisas. Mas não numas de racismo, ou que o negro é feio... Nada disso! Sempre ligado ao que a gente sabe que é harmônico. Por exemplo, na ortodontia, se um negro tem a arcada biprotrusiva, indica-se a correção para que fique mais bonito, com dentes mais alinhados e etc. Mas não porque é negro, mas sim porque teem algumas coisas que podem ser melhoradas para que a pessoa se sinta mais bonita e segura. Só isso. (Entrevistada A)

Nas falas da entrevistada A, a beleza se circunscreve à uma questão individual como se a subjetividade não tivesse relação com as condições culturais na qual ela se circunscreve. O fato é que essa entrevistada não associa a configuração de padrões estéticos no âmbito dos grupos étnicos, e, desta forma, não consegue associar os procedimentos de embranquecimento à questão racial.

Observamos que os dentistas que se recordaram de tal abordagem no curso de graduação mencionaram que ele foi apresentado como uma intervenção puramente estética, descolada da questão racial. As discussões sobre estes procedimentos se davam no plano técnico-biológico.

A crença na neutralidade da técnica também permeou o grupo de respostas colhidas:

“Sim... Elas foram abordadas de maneira técnica. O caso clínico era apresentado, e nós discutíamos as melhores maneiras de tornar esse traços mais suaves” (Entrevistada G)

*“Sim, algumas. O clareamento dental, o clareamento gengival, correções ortodônticas, foram abordadas com **naturalidade**. A preocupação era com o que **melhor poderia ser feito para o paciente**, trazendo a eles satisfação” (Entrevistada B, grifo nosso)*

Respostas curtas e – também – ríspidas, demonstravam a visível irritação por parte de alguns dos entrevistados, incluindo a única representante negra do referido grupo, que, a partir do momento que a entrevista focalizou a temática do racismo, mostrou-se, na visão do pesquisador, irritada e desconfortável, apesar de tentar demonstrar tranquilidade e profissionalismo ao respondê-las:

“Sim, foram. Foram abordadas com naturalidade”
(Entrevistada E)

*“Sim, várias técnicas nos foram ensinadas... **inclusive** técnicas de correção de traços negros”* (Entrevistado H – grifo do pesquisador, para ressaltar a entonação da voz utilizada pelo entrevistado)

A maioria dos entrevistados afirmou, também, que nunca participaram de discussões acerca das características da população negra, tampouco sobre o posicionamento de seus professores sobre o tema:

“Não que eu me lembre.... acho que não” (Entrevistado H)

“Não, não discutíamos isso” (Entrevistada G)

“Não, não que eu me lembre. Se houve, não foi significativo”
(Entrevistado F)

“Não, não ficávamos discutindo o racismo (...)” (Entrevistado D)

“Não, não que eu me lembre.. Mas eu fiz odonto, Edson, não fiz psicologia (...)” (Entrevistada C).

Quando a entrevistada “C” afirma não se lembrar de ter participado de discussões acerca das características da população negra, e justifica tal ausência lembrando que não fez “psicologia”, ao mesmo tempo em que reconhece a existência de desigualdades sociais e exclusão, ancoradas na hierarquização dos indivíduos – como colocam Munanga (2003), Guimarães (1998) e Soligo (2001), dentre outros – ela expressa o sentimento de inferioridade dos próprios negros decorrente do racismo. Ao alertar que tal “problema” não deve ser resolvido pelos dentistas, a entrevistada não identifica que possíveis insatisfações com a própria estética (pela população negra) está ancorada no plano das relações sociais e de poder existentes.

Tais constatações nos remetem à Bolla (2007) que afirma que

(...) a formação do professor de odontologia tem sido baseada na racionalidade técnica, fundada na filosofia positivista. Assim, são considerados profissionais competentes aqueles que solucionam problemas instrumentais, mediante aplicação de teorias e práticas derivadas de conhecimento sistemático. O conhecimento emergente das particularidades dos contextos sociais e culturais dos cidadãos não tem sido enfocado nesse modelo, o que induz à necessidade de repensar a formação dos professores em uma dimensão humana e crítica. Isso se aplica à ausência de considerações de questões relativas às desigualdades sociais na formação odontológica ao lado da supervalorização da técnica. Neste sentido, coloca-se como exemplar a problemática da estética enquanto expressão de preferências no convívio com a diferença.

Quanto à ausência de discussões e, também, de questionamentos por parte dos discentes na temática em questão, acreditamos que tais posturas sinalizam um caráter etnocêntrico dos docentes e discentes, legitimando, mais uma vez, a superioridade branca, nos remetendo a Thomaz (1995):

“O etnocentrismo consiste em julgar como certo ou errado, feio ou bonito, normal ou anormal os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos a partir dos próprios padrões culturais (...) o etnocentrismo se aproxima, portanto, do preconceito: na nossa sociedade existem práticas que sofrem um profundo preconceito (...)”

Quando afirmaram ter vivenciado discussões sobre as características faciais/bucais entre negros, percebemos que o assunto os incomodava. A antecipação da justificativa sobre a realização de procedimentos de embranquecimento é explicitada na fala da entrevistada A:

*“Discutíamos, sim, algumas coisas. Mas não numas de racismo, ou que o negro é feio... Nada disso! Sempre ligado ao que a gente sabe que é **harmônico**. Por exemplo, na ortodontia, se um negro tem a arcada biprotrusiva, indica-se a correção para que fique mais bonito, com os dentes alinhados e etc. Mas não por que é negro, mas sim porque tem algumas coisas que podem ser melhoradas para que a pessoa se sinta mais bonita e segura e segura. Só isso”.*

Tal desconforto não lhe impediu de explicitar suas percepções em relação aos negros e a concepção de beleza, intrinsicamente ligada ao padrão branco de beleza. A entrevistada legitima como natural a realização de tais procedimentos, uma vez que, para ela, tornarão o negro mais bonito e mais seguro.

A questão do racismo não é considerada na formação dos profissionais, o que é condizente com a postura cordial do brasileiro que nega o racismo (Carneiro, 2005). Neste sentido, é relevante a seguinte afirmação:

*“A maioria das vezes, sempre relacionando com o que era **melhor para cada paciente**, o que ficaria mais bonito, mais adequado (...) Mas nunca dizendo que os negros são feios ou que seus traços não são estéticos, pelo contrário, o ideal é valorizar o que cada um tem”* (Entrevistada B)

Interessante ressaltar que a entrevistada E, única negra do grupo dos entrevistados, entende o que se busca através de tal questionamento, e, como representante da população negra, antecipa-se em afirmar que não existe o caráter racista na execução destas técnicas. A rispidez na resposta, associada à brevidade da mesma, mostram que a temática, além de lhe trazer desconforto, não é um assunto do qual gosta de falar:

“Eu sou negra. E não me senti ofendida em nenhuma ocasião”

No que tange à convivência com alunos(as) negros durante a graduação, e, ainda, qual a postura destes frente à questão da estética facial e bucal, os entrevistados afirmaram que em suas turmas havia poucos alunos negros, sendo que não necessariamente nas respectivas turmas.

Tais dados revelam o elitismo do ensino e da dificuldade de acesso do negro ao ensino superior, em meio à exclusão social. Dados colhidos em uma pesquisa realizada pelo Inep⁶ (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) mostraram que a média geral de representação da população negra nos cursos universitários era de apenas 3,6%, e somente 0,8% dos alunos matriculados nos cursos de odontologia de escolas públicas e privadas do Brasil eram pertencentes à população negra.

Em tal pesquisa, os dados colhidos revelaram, também, que nos dez cursos mais concorridos, os alunos brancos eram maioria. Dentre esses

⁶ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Negros são apenas 0,8% dos alunos de Odontologia**, Disponível em: site www.unicamp.br, acesso em 20/12/2007.

curso, as maiores desigualdades poderiam ser visualizadas nos cursos de Arquitetura, Odontologia e Medicina Veterinária. Já nos cursos de menor procura, os alunos brancos também eram maioria, no entanto a diferença era menor. Por exemplo: No curso de licenciatura/bacharelado em história, os alunos brancos representavam 54,9% do total de matriculados.

A propósito, são ilustrativas as seguintes respostas colhidas:

“Tinha sim. Inclusive tinha uma moça mulata que tinha dentes invejáveis (...) Ela mesma concordava que os aspectos feios devem ser modificados. Ela era muito bem resolvida”.
(Entrevistada A).

“Acho que sim... Não em todas as matérias, mas acho que tinham alguns em algumas matérias que fiz”. (Entrevistada C).

“Na minha turma tinha um rapaz. Mas no curso da odonto tinham mais negros e negras. E era um bom aluno”
(Entrevistado H)

“Acho que no começo do curso tinha uma aluna mulata, mas não era muito escura. Ela era bonita (...) Não era encanada não” (Entrevistado F)

“Como eu disse, eu sou negra. E não tenho reclamações da maneira que o assunto era tratado. Os professores apresentavam o assunto e abordavam a técnica. Só isso” (Entrevistada E).

Ao lado do reconhecimento do pequeno número de alunos negros matriculados no curso, tais afirmações revelam um preconceito velado, sinalizado na exaltação das considerações “positivas” a respeito dos discentes negros.

Tendo convivido em um ambiente no qual os alunos negros não pareciam questionar a própria negritude, os entrevistados se referiram aos alunos negros afirmando que *“ela era bem resolvida”, “não tinha postura frente à esta questão (...) nunca falaram que o negro deveria ser corrigido”* ou *“(...) não falava nada e era bom aluno”*. Através destas afirmativas, os entrevistados assumiam a valorização negativa da diferença e o posicionamento de desagrado em relação aos traços étnicos, contrários aos padrões do grupo hegemônico ao qual pertencem. Estas falas nos levam à definição de racismo, de acordo com Munanga (2003), quando este declara que *“a crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto e o físico e o cultural”*.

Objetivando identificar se os entrevistados perceberam a influência de suas formações na construção de seus ideais de beleza, questionamos se estes mudaram suas concepções de estética ao longo da graduação. Quase a totalidade dos entrevistados reconheceram que mudaram suas concepções, sempre associando tais alterações à uma visão mais crítica, exigente, pertencente à um grupo de pessoas capacitadas para tal avaliação:

“Não diria que mudei minhas concepções, mas que aperfeiçoei meu olhar. Fiquei mais crítica, mais exigente
(Entrevistada A)

Claro que sim. Apreendi padrões de estética, técnicas que me permitiram ficar mais crítica, mais atenta, em coisas que eu nem conhecia” (Entrevistada B)

“Mudei sim. Apreendi a observar com mais rigor, mais profissionalismo um sorriso, por exemplo. (Entrevistada E)

“(...) acho que mudei sim” (Entrevistada G)

Em sentido contrário, dois entrevistados afirmaram não terem sido influenciados pela academia:

“Não, não mudei. O que eu achava bonito, continuo achando bonito ... o que eu achava feio, continua feio”

(Entrevistado D)

“Não, não mudei. Eu sempre achei as mulatas bonitas. E continuo achando” (Entrevistado F)

Importante dialogar com a fala do entrevistado F. Ainda que o questionamento não fosse dirigido ao padrão negro de estética, o mesmo ressalta a valorização generalizada da beleza no âmbito da cultura global ao afirmar que sempre achou as mulatas bonitas e que continua achando. Ao tecer tal comentário, concorda, ainda que não explicitamente, que as técnicas de modificação de características de negros que lhes foram ensinadas são etnocêntricas, buscam aproximar a estética do negro à estética do branco, uma vez que, apesar do que lhe foi dito, ele ainda continua achando as mulheres negras (mulatas, sic) belas.

75% dos entrevistados concordaram que oferecem/oferecerão procedimentos técnicos puramente estéticos de remoção de caracteres negroide em nome da crença na incontestável superioridade estética da população branca. Justificaram tal opção da seguinte maneira:

“Se eles estiverem deixando a pessoa feia, indicarei sim. Sem problemas. Sou uma profissional e sei orientar meus pacientes” (Entrevistada A)

“Vou. Vou indicar, não vou obrigar. Vou mostrar-lhes como podem ficar mais bonitos. Sou paga para isso”
(Entrevistada B)

“Enquanto tiver que fazer clínica, sim. Mas espero que por pouco tempo. Só até ir para cirurgia” (Entrevistado D)

“Se eu perceber que aquilo está incomodando meu paciente, vou sim...” (Entrevistada E)

“Sempre que eu achar importante, sim!” (Entrevistada G)

“Ainda não ocorreu essa situação... Mas eu acho que vou sugerir sim, se estiver feio” (Entrevistado H).

As falas desses entrevistados nos remetem à Gould (apud Bolla, 2007) que, discutindo a questão estética da população negra, ao comentar sobre as idéias de alguns abolicionistas (dentre eles Benjamin Franklin) relata que, mesmo entre aqueles que consideravam a inferioridade dos negros como puramente cultural, a frequência do juízo estético que determinava a superioridade da população branca em detrimento das demais era surpreendente.

Os 25% restantes, afirmam não saberem ainda se indicarão tais técnicas ou que não o farão, uma vez que:

“Não, não vou. Se o paciente está conformado com o que ele apresenta, não serei eu quem vai fazê-lo se achar feio” (Entrevistada C).

“Não sei se vou sugerir. Mas se o paciente tocar no assunto, daí eu falo...” (Entrevistado F).

Indicando ou não os referidos procedimentos, todas as falas nos revelam a crença na aparente neutralidade da técnica, ancoradas numa suposta “obrigação” profissional.

Revelam, em seus depoimentos, que acreditam que a prática destes procedimentos atribuirá, aos pacientes, um sorriso mais bonito, ressaltando-se que fazia parte de seu papel profissional informar aos pacientes o que existe dentro da odontologia.

Reafirmando o uso do procedimento da perspectiva etnocêntrica – que segundo Thomaz (1995) consiste em julgar como feio ou bonito as formas de ver o mundo dos outros povos a partir dos próprios padrões culturais – é interessante observar a retroalimentação que se estabelece, nestas falas, entre a suposta satisfação do paciente e a admiração do profissional em relação às técnicas aprendidas.

Novatos na prática da odontologia, a maioria dos entrevistados desconsidera que a realização destes procedimentos de remoção de características negroides pode estar aquém das expectativas de seus pacientes, gerando frustração frente aos resultados obtidos. Isto ocorre pois, segundo Mandarinó (2007),

O profissional, muitas vezes, na ânsia de utilizar o material e técnica mais moderna se esquece da queixa do paciente e, qual o seu desejo e expectativas frente ao tratamento. (...) a maior causa de falhas do tratamento estético não é a técnica utilizada, mas a falta de comunicação entre o profissional e o paciente, sugerindo a incorporação da opinião do paciente ao diagnóstico.

Para o sucesso do tratamento estético o profissional deve então, envolver o paciente durante todo o processo para que o mesmo não venha a se sentir insatisfeito, levando também a uma frustração do cirurgião-dentista.

Concluindo o conjunto de questionamentos, perguntamos aos entrevistados se realizariam alguma modificação facial, caso fossem portadores de traços negroides.

Reafirmando a concepção da pigmentação gengival como antiestética, sob a “modernidade” da técnica, a entrevistada “E” ratifica o objetivo do clareamento gengival que alimenta o embranquecimento do negro na vigência da valorização do padrão branco de beleza:

“Eu fiz o clareamento gengival. Olhe! (...) Não está bonito ver minha gengiva com uniformidade? Então....”

Nessas falas, questionamos o desejo de embranquecimento por parte da entrevistada, o que condiz com Almeida (2004) quando este afirma que o “outro” *“(...) encarna corpos que não gostariam de recebê-lo (...)”*

Negando o viés etnocêntrico associado à concepção de beleza, ao mesmo tempo em que explicitam suas concepções em relação à estética negra, as entrevistadas A,B e G discursam:

“Se eu fosse negra, seria bem resolvida. Saberá que sou igual a todo mundo. Ia alisar o cabelo sim, por aparelho, se fosse nariguda ia fazer plástica (...) Se tivesse seios ou bumbum grande, ia dar um jeito também (...) Satisfeito?”
(Entrevistada A)

“(...) Já usei aparelho, já fiz progressiva, faço luzes, clareamento dental. Gosto de estar bonita. Então, faria sim, sem dramas” (Entrevistada B)

“Sim, eu faria sim... sem preconceitos, apenas para ficar mais bonita, pra mim mesma” (Entrevistada G).

Explicitando a perspectiva etnocêntrica de suas concepções de beleza, a entrevistada C assume que:

*“Talvez, se eu não me aceitasse como eu seria. Não sei como é se sentir negra, não sou negra. Talvez sim, talvez não. Talvez eu achasse **normal** as características que eu teria ...”*
(grifo nosso).

Mesmo que negando o uso de tais recursos, ou indecisão acerca da utilização dos mesmos, os entrevistados D e F nos mostram suas opiniões negativas sobre caracteres negroides, quando esses afirmam não estarem preocupados com a própria aparência:

“Se eu me importasse sim. Mas não acho que me importaria em querer ficar bonito. Não estou muito preocupado com isso” (Entrevistado D).

“Se eu achasse feio em mim, sim, mas talvez eu me habituassem como esses traços e ficaria com eles mesmo....”
(Entrevistado F).

Em uma vertente complementar, mas ainda legitimando o caráter etnocêntrico de suas concepções, afirma o entrevistado H:

“Se eu tivesse dinheiro pra pagar, sim (...).”

Todos entrevistados compartilhavam da crença de que as referidas técnicas deixam os pacientes com um rosto mais bonito. Reiterando a supremacia da técnica, as respostas acobertam a descaracterização de alternativos de distintas ordens de beleza, relativas às diferenças étnicas. Desse modo, priorizavam a beleza do branco em detrimento de outros grupos “raciais”. Como afirma Mandarinó (2007):

O senso estético é influenciado pela cultura e auto-imagem; o que é considerado belo por uma civilização pode ser extremamente feio para outra. As mulheres obesas já representaram o padrão de beleza em determinada época, sendo que atualmente as modelos de sucesso são bastante magras. Antigamente na China, as mulheres tentavam moldar seus pés com sapatos de ferro porque somente pés pequenos eram considerados belos. A estética não é absoluta, é pessoal e subjetiva, variando com a época e a região em que as pessoas vivem.

Ao justificarem que a realização das técnicas de embranquecimento não é um procedimento racista, eles acabam reafirmando o racismo vigente na sociedade, tornando-se cúmplices dessas relações sociais. Naturalizam o padrão branco e desconsideram e/ou inferiorizam a estética negra.

A relevância de nosso trabalho está, prioritariamente, no reconhecimento e compreensão do racismo na formação e prática profissional entre profissionais da saúde – odontólogos.

O objetivo não é o de apontar se um ou outro entrevistado é racista, mas, sim, o de promover uma relação direta da formação acadêmica que tiveram com suas atuais concepções de beleza, onde podemos identificar uma – falha – formação ancorada em padrões estéticos dos grupos hegemônicos.

Observando os dados colhidos nas entrevistas, na análise dos livros e da revista escolhida, podemos identificar que a oferta e a procura por procedimentos de branqueamento – destacando-se o clareamento gengival – são posturas ancoradas no padrão de beleza do branco europeu, explicitando o caráter racista de tais procedimentos.

Tendo em vista que a abordagem da beleza, nos últimos anos, tem se manifestado com grande ênfase, contemplamos nesse trabalho as falas de cirurgiões dentistas recém-formados, com no máximo 03 anos de exercício da profissão, ainda que a experiência clínica não esteja consolidada.

Verificamos em algumas passagens das entrevistas que alguns dos cirurgiões dentistas entrevistados pareciam estar incomodados com as perguntas realizadas, lembrando que todos as responderam estando de pleno acordo e cientes da temática da pesquisa. Tal incômodo justifica-se, pois, no momento que perceberam que as perguntas procuravam identificar atitudes racistas em suas formações, alguns destes reagiram, reafirmando que o brasileiro procura manter a aparência de um povo que possui uma democracia/cordialidade racial.

Quanto aos textos estudados na análise documental, podemos afirmar que esses são, na sua maioria, norteados pelo padrão branco de beleza e, portanto, também racistas. Ressaltamos que as diferenças tendem a ser patologizadas quando alguns desses textos explicitam ou sinalizam que a

presença da pigmentação melânica (melanose racial) é um desvio da normalidade, e, conseqüentemente, a torna antiestética e passível de ser eliminada. Logo, ancoram-se no padrão branco e no apagamento do negro.

O caráter racista faz-se presente nessa análise de documentos, quando os autores descrevem a gengiva normal de cor rósea, omitindo ou relegando ao segundo plano a normalidade da pigmentação melânica.

Ressaltando que a estética é pessoal, subjetiva e está inserida dentro de um contexto sociocultural, questiona-se os textos que – amparado pela neutralidade da técnica – afirmam o caráter antiestético das pigmentações melânicas presentes prioritariamente na população negra.

Acreditando que o racismo também se manifesta na omissão e/ou no não reconhecimento das diferenças, questiona-se, também, a ausência de fotografias com modelos negros nas edições analisadas da revista de grande circulação estudada. Ressaltamos, aqui, como o senso comum e o âmbito acadêmico retroalimentam-se.

Nas falas dos entrevistados, reconhecemos a manifestação do etnocentrismo e do racismo, norteados no padrão do branco europeu, a associação entre saúde e estética (tendendo patologizar as diferenças), assim como a neutralidade da técnica.

Diversas falas dos entrevistados na presente pesquisa revelaram a crença na eficácia da técnica, uma vez que acreditam que os pacientes submetidos às mesmas tornam-se mais bonitos e mais atraentes. Para eles, brancos e negros acreditam na supremacia do padrão branco de beleza, remetendo-nos ao já discutido embranquecimento.

Quanto ao embranquecimento, mostramos na discussão que os entrevistados acreditam que a população negra deseja embranquecer-se. Tendo em vista que nossa pesquisa não contemplou as falas/concepções de beleza de pacientes negros, segundo eles mesmos, afirmamos que eles

desejam embranquecer-se fundamentados nas crenças e falas dos cirurgiões dentistas entrevistados, relacionando-as com a literatura.

Outra característica marcante nessas falas é a associação da estética com a saúde, quando afirmam que o aspecto “saudável” da gengiva e a ausência de doenças (cáries) são fatores imperativos para um sorriso bonito.

Indo ao encontro do caráter tecnicista do ensino da odontologia – o qual é bastante valorizado nas entrevistas – para nossos entrevistados a técnica não deve ser questionada, uma vez que é neutra.

Outro viés identificado em nosso trabalho é que os entrevistados encontram na prática do clareamento gengival e dos demais procedimentos de embranquecimento uma possibilidade de perpetuar a legitimação da supremacia estética da população branca em detrimento dos demais grupos étnicos.

Afirmamos que as posturas/falas dos profissionais entrevistados, assim como as dos autores dos livros levantados nesse estudo são influenciadas pela formação que tais profissionais tiveram. Ninguém nasce racista nem faz opção por sê-lo. Nossas crenças estão diretamente relacionadas ao contexto sócio-cultural-econômico em que estamos inseridos, contexto esse que legitima a superioridade de algumas práticas em detrimento de outras.

Sendo assim e, ainda, norteados pelas propostas das novas diretrizes curriculares para o curso de odontologia, determinamos que as escolas de tal curso, ao pensar reformulações curriculares que se orientem dentro de tais propostas, considerem que trazer discussões acerca das diferenças existentes entre os indivíduos contribuem, também, para a formação de profissionais com perfil crítico e humanístico.

Diante do exposto, a necessidade de que as demais áreas das ciências explicitem diálogos com desafios apontados pelo racismo – velado – brasileiro é imperativa.

Acreditamos, pois, que a presente pesquisa se apresenta como – mais uma – denúncia ao sistema educacional do ensino superior no Brasil, que, em nome da neutralidade de técnicas, perpetuam a superioridade dos grupos hegemônicos no país.

ALMEIDA, Milton José. **Investigação Visual à respeito do Outro**. In Gallo, S. e Souza, R.M. Educação do Preconceito: Ensaio sobre Poder e Resistência. Campinas: Editora Alínea, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Sylvia Helena. **Aprendizagem, ensino e formação em saúde: das experiências às teorias em construção** IN BATISTA, Nildo Alves & BATISTA, Sylvia Helena. **Docência em Saúde: temas e experiências**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

BAUER, M.W.;GASKELL,G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERNARDINO, J. **Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil**. Estud. afro-asiát. v.24 n.2. Rio de Janeiro: 2002

BOLLA, Edson Daruich. **Etnocentrismo e clareamento gengival: Ensaio uma aproximação**. (Dissertação de mestrado). São Paulo, 2007. UNIFESP. São Paulo, 2007.

CARNEIRO, Maria L. **O racismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 8ª. Ed., 2005.

CARRANZA JR, Fermin A. **Periodontia Clínica de Glickman**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

CASTILHO, H., HOCHMAN, B., FERREIRA, L. **Rinoplastia do nariz negróide por via intra-oral sem ressecções externas: Avaliação da eficácia da técnica**. Acta Cir.Bras, vol.17.no.05. São Paulo, Setembro/outubro 2002.

CHAGAS, Conceição C. **Negro: Uma identidade em construção**. Petrópolis:Editora Vozes, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA. **Cirurgião dentista não é mais uma profissão só de homens**. Disponível em www.cfo.org.br, acesso em 11/03/2011.

COSTA, Jurandir. **Da cor ao corpo: A violência do Racismo**. In SOUZA, N. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: 1983, ed. Graal.

CRO-SP. **Relação de Faculdades do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.crosp.org.br/FACULDADES/CAPITAL.doc>.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**, São Paulo: Atlas, 1995.

DOMINGUES, Petrônio José. **Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915 – 1930**. Estud. Afro-asiát. V.24 n.3. Rio de Janeiro, 2002.

GOULD, Stepehn Jay. **A Falsa Medida do Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Ed 34, 1998.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e Educação: Origens de um diálogo**. Caderno Cedes. Campinas, SP: Papirus, 1997.

GUSMÃO, N.M. **Os filhos da África em Portugal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HAAG, Carlos. **Quase pretos, quase brancos**. Pesquisa FAPESP 134. Abril de 2007.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro:Graal, 1979.

HOCHMAN, B., CASTILHO, H., FERREIRA, L. **Padronização fotográfica e morfométrica na fotogrametria computadorizada do nariz**. Acta Cir.Bras. vol 17, no.04. São Paulo, Julho/agosto, 2002.

IANNI, O. **Raças e Classes sociais no Brasil**. Civiliz. Brasileira: Rio de Janeiro, 1972.

LASCALA, Nelson Thomaz. **Compêndio Terapêutico Periodontal**. São Paulo: Editora Artes Médicas Ltda, 1999.

LINDHE, Jan, KARRING, Thorkild & LANG, Niklaus. **Tratado de Periodontia Clínica e Implantologia Oral**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Editora, 2005.

LOMBARDO, I. A. **Organização Modular do Currículo**. 39ª. Reunião da Associação Brasileira de Ensino Odontológico – jun. 2004. Disponível em: www.abeno.org.br/39_oficinatrabalho.html. Acesso em 23/07/ 2010.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, Fernando Luis. **Os novos nomes do racismo: especificação ou inflação conceptual?** Sociologia [online] set 2000. Disponível em www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php. Acesso em 22/04/2011.

MACHADO, Walter Augusto Soares. **Periodontia Clínica**. Rio de Janeiro: MEDSI Editora Médica e Científica Ltda, 2003.

MANDARINO, Fernando. **Cosmética em Restaurações Estéticas**. Disponível em: www.forp.usp.br/restauradora/dentistica/temas/este_cosm

MARC, René. **Identidade, territorialidade e futuro das comunidades rurais no Brasil**. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_80/art. Acesso em 23/07/ 2012.

MASSETO, M. & ANTONIAZZI, J. **Odontologia e docência universitária: formação pedagógica do docente do curso de odontologia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º. Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ, 05/11/2003.

NISKIER, Arnaldo. **LDB: a nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica**. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

OLIVEIRA, Lis Sandra R. **A interdisciplinaridade e a mudanças curriculares nos cursos de graduação em Odontologia**. Dissertação de Mestrado. Unifesp, 2006.

PÉRET, A. & LIMA, M. **A Pesquisa e a formação do Professor de Odontologia nas Políticas Internacionais e Nacionais de Educação**. Revista da ABENO, vol.3, 2003

PLÁSTICA & BELEZA, São Paulo: edição United Magazines Editora Ltda, agosto/2002.

QUEIROZ, M. I. P., **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RASSI, Sarita. **A Educação pode vencer o Racismo**. Disponível em: www2.ucg.br/flash/Flash2007/Abril07/070424racismo.html. Acesso em 16/09/2011.

ROCHA, Everardo P.G. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, Col. Primeiros Passos. Pp. 7-22., 1999.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação obrigatória**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANTOS, Hélio. **Entrevista**. Disponível em www.mundonegro.com.br, acesso em 15/07/2009.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SECCO, Luciane Gabeira & PEREIRA, Maria Lúcia T., **Formadores em Odontologia: profissionalização docente e desafios político-estruturais**. Disponível em www.scielo.br, acesso em 10/01/2011.

SILVA, Carlos & CERRI, Artur. **Desvios de normalidade da cavidade bucal**. Disponível <http://www.diagnósticobucal.com.br/trabalhos/htm>. Acesso em 23/07/ 2012.

SILVA, Hernani Francisco. **Definições sobre a branquitude**. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/>. Acesso em 14/08/2016.

SOLIGO, Angela. **O preconceito racial no Brasil: Análise a partir de adjetivos e contextos**. (Tese de doutorado). Campinas, 2001. PUC-Campinas. Campinas, 2001.

STAINBACK, Susan Bray. **As raízes do Movimento de Inclusão**. Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 2002.

TANAKA, O.; MELO, C. **Avaliação de programas de Saúde do Adolescente – um modo de fazer**. São Paulo: EDUSP, 2001.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **A Antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade** In SILVA, Aracy & GRUPIONI, Luis D.B. (orgs) **A Temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º. e 2º. Graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Negros são apenas 0,8% dos alunos de Odontologia**, Disponível em: site www.unicamp.br, acesso em 20/12/2009.

VAIDERGORN, J. **Uma perspectiva da Globalização na Universidade Brasileira**. Cad. CEDES, 2001.

ANEXO 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA

A – Perfil do Profissional

Sexo:

Idade:

Etnia:

Tempo de formado:

Instituição que realizou a graduação:

Outras formações:

B – Escolhas profissionais

Por que optou pela Odontologia?

C – Perguntas

- Bloco 1: Quanto à concepção de beleza facial

1 – Descreva um rosto bonito.

2 – Descreva um sorriso bonito.

3 – Dentre as personalidades famosas (homens ou mulheres), quem você considera bonito?

- Bloco 2: Quanto à formação/prática e sua relação com a estética

1 – Durante sua graduação quais disciplinas tratavam da questão estética?

2 – Durante seus estudos, quais as concepções de estética facial e bucal/ que eram vigentes?

3 – Alguma técnica de modificação de traços negróides foi anunciada e/ou discutida na graduação? Se sim, como ela(s) foi/foram abordado(s) pelo (s) professor (es)?

4 – Seus professores de disciplinas que tratavam a questão estética costumavam estimular discussões acerca das características da população negra? Se sim, qual era o posicionamento deles quanto a essa questão?

5 – Havia estudantes negros na sua turma de graduação? Se sim, qual era a postura deles quanto à questão da estética facial e bucal?

6 – Você mudou suas concepções estéticas após cursar a graduação em Odontologia?

7 – Quando você é/for procurado por um paciente portador de traços negróides, você sugere/sugerirá a sua remoção? Por quê?

8 – Se você fosse portador de traços negróides, você realizaria alguma modificação facial? Por quê?